

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

GECIENE NASCIMENTO NUNES

**MISSA DOS QUILOMBOS
UM OLHAR SOBRE O ONTEM E O HOJE DE RACISMO E OUTRAS
DISCRIMINAÇÕES, NOS 200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DA BAHIA,
NO BRASIL**

São Leopoldo

2024

GECIENE NASCIMENTO NUNES

**MISSA DOS QUILOMBOS
UM OLHAR SOBRE O ONTEM E O HOJE DE RACISMO E OUTRAS
DISCRIMINAÇÕES, NOS 200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DA BAHIA,
NO BRASIL**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Atuação: Educação Comunitária
com Infância e Juventude

Pessoa Orientadora: Iuri Andréas Reblin

São Leopoldo

2024

GECIENE NASCIMENTO NUNES

**MISSA DOS QUILOMBOS: UM OLHAR SOBRE O ONTEM E O HOJE DE
RACISMO E OUTRAS DISCRIMINAÇÕES, NOS 200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA
DA BAHIA, NO BRASIL**

Dissertação de Mestrado

Para a obtenção do grau de Mestra em Teologia

Faculdades EST

Programa de Pós-Graduação em Teologia

Área de Concentração: Religião e Educação

Linha de atuação: Educação Comunitária com
Infância e Juventude

Data de Aprovação: 20 de dezembro de 2024

PROF. DR. Iuri Andréas Reblin (PRESIDENTE)

Assinado digitalmente

PROF. DR. Marcelo Ramos Saldanha (EST)

Assinado digitalmente

PROF. DR. Renato Ferreira Machado (Dom Bosco)

Docente visitante

Assinado
digitalmente por:
Iuri Andréas Reblin :
XXX.425.387-XX
Date: 02/01/2025
15:38:24 -03:00



Assinado
digitalmente por:
Marcelo Ramos
Saldanha :
XXX.811.570-XX
Date: 13/01/2025
15:45:18 -03:00



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N972m Nunes, Geciene Nascimento

Missa dos Quilombos: um olhar sobre o ontem e o hoje de racismo e outras discriminações, nos 200 anos de independência da Bahia, no Brasil / Geciene Nascimento Nunes; orientador Iuri Andréas Reblin. – São Leopoldo : EST/PPG, 2024.

95 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2024.

1. Teologia negra. 2. Diversidade religiosa. 3. Racismo estrutural. 4. Intolerância religiosa. 5. Cidadania. I. Reblin, Iuri Andréas, orientadora. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

Dedico esse trabalho a todos os e todas as estudantes que passaram por minhas salas de aula ao longo de todos esses anos lecionando Geografia, a minha família, em especial, aos meus pais, meu companheiro Celso e a minhas filhas, Carmélia e Catarina, eternos companheiros que tanto me inspiram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por mais um ano letivo
e suas possibilidades da educação teológico-libertadora.

Agradeço aos pais por confiarem seus filhos e suas filhas aos nossos cuidados
ao longo do ano de 2023.

Agradeço à direção e a todos os colaboradores do CEDMN, Professora Rita Paixão
e Professor Joaquim, em especial, aos funcionários da limpeza, apoio e cozinha,
vigilantes, secretaria e demais professores, por possibilitarem o funcionamento e a
organização do projeto, e por estarem presentes sempre que solicitados.

Agradeço a Prof^a. Dr^a Elisabete Pinto, seus colegas e alunos da UFBA, pela imensa
contribuição, durante o primeiro semestre de 2023.

Agradeço à Faculdades EST, à direção, funcionários, funcionárias, professoras e
professores, pela oportunidade de realizar um sonho desejado e alcançado na
minha trajetória de vida profissional e pessoal.

Agradecimento especial ao professor Dr. Iuri Andreas Reblin, pela paciência e
compreensão ao longo desse processo pessoal vivenciado por mim.

Enfim, agradeço aos meus familiares,
que sempre acompanham e convivem com minhas ansiedades
e desalentos na arte de educar.

Eterna gratidão!

Temos o direito de ser iguais, quando a nossa diferença nos inferioriza, e temos o direito de ser diferentes, quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconhece as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

Boaventura de Sousa Santos

RESUMO

A pesquisa destaca a importância de projetos integradores nas escolas e a contribuição para a formação social dos estudantes quanto ao respeito e convivência harmônica com as diferenças, desconstruindo o racismo estrutural e a intolerância religiosa que discriminam e inferiorizam seres humanos entre si. Destaca a discussão de um mundo desigual e injusto e como fazer parte e tentar mudar essa realidade contribuindo para a relevância da religiosidade no âmbito escolar, com foco nos jovens em situação de vulnerabilidade social, um elemento transformador pedagógico que oferece uma abordagem holística para lidar com os desafios enfrentados por esses estudantes. A educação serve como um meio capaz de contribuir para a consciência e transformação, preparando pessoas cidadãs éticas e comprometidas com uma sociedade mais justa e sustentável. O Docente elo entre o estudante e o conhecimento para a transformação. Aliada ao racismo estrutural, temos a Intolerância Religiosa que surge opressora e discriminatória contra o negro. Entendo que, ao fortalecer a identidade, valores, visão de mundo da juventude, a espiritualidade e o respeito capacita a enfrentar os obstáculos da vida com resiliência, coragem e reconhecimento de valores pessoais. Além disso, a pesquisa destaca que é importante reconhecer e enfrentar os desafios, buscando estratégias abrangentes para superá-los. A arte serve como contribuinte para descobertas e exposições de sentimentos e vivências para poder repensar novos caminhos e comportamentos. A pesquisa também destaca a diversidade de crenças e práticas religiosas na escola e enfatiza a importância da partilha espiritual para promover o diálogo inter-religioso e criar um ambiente escolar mais acolhedor e tolerante. Destaca ainda a solidariedade e a responsabilidade quanto ao trabalho em equipe e o voluntariado. Por fim, propõe uma abordagem inovadora para incorporar a espiritualidade e a cidadania, analisando a história e sua revisão, no contexto de pertencimento e igualdade, independente de religião e na busca por reconhecimento e transformação de si e da realidade em que vive.

Palavras-chave: Racismo Estrutural, Intolerância Religiosa, Educação, Cidadania.

ABSTRACT

The research highlights the importance of integrative projects in schools and the contribution to the social formation of students in terms of respect and harmonious coexistence with differences, deconstructing structural racism and religious intolerance that discriminate and inferiorize human beings with each other. It highlights the discussion of an unequal and unfair world and how to be part of and try to change this reality contributing to the relevance of religiosity in the school environment, focusing on young people in situations of social vulnerability, a pedagogical transforming element that offers a holistic approach to deal with the challenges faced by these students. Education serves as a means capable of contributing to awareness and transformation, preparing ethical citizens committed to a more just and sustainable society. The Teacher is the link between the student and knowledge for transformation. Allied to structural racism, we have Religious Intolerance that appears oppressive and discriminatory against blacks. I understand that by strengthening the identity, values, worldview of youth, spirituality and respect empowers them to face life's obstacles with resilience, courage and recognition of personal values. In addition, the research highlights that it is important to recognize and face the challenges, seeking comprehensive strategies to overcome them. Art serves as a contributor to discoveries and exhibitions of feelings and experiences in order to rethink new paths and behaviors. The research also highlights the diversity of religious beliefs and practices at school and emphasizes the importance of spiritual sharing to promote interreligious dialogue and create a more welcoming and tolerant school environment. It also highlights solidarity and responsibility for teamwork and volunteering. Finally, it proposes an innovative approach to incorporate spirituality and citizenship, analyzing history and its revision, in the context of belonging and equality, independent of religion and in the search for recognition and transformation of oneself and the reality in which it lives.

Keywords: Structural Racism, Religious Intolerance, Education, Citizenship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Paineis representando a força da mulher negra, parda, branca, rica, pobre, menina, jovem, idosa	77
Figura 2 - Mulheres na Sociedade: Personalidades ilustres na política, no esporte, na música.....	78
Figura 3 - Seja a mulher da sua vida! Mulheres Empoderadas!.....	79
Figura 4 - O Reconhecimento Feminino, mulheres em todos os espaços.....	79
Figura 5 - Representatividade Feminina - Somos todas personalidades importantes na sociedade	80
Figura 6 - Milton Silva Campos do Nascimento.....	82
Figura 7 - Capa do livro criado pela turma do 2ºC Matutino, com interpretações sobre Comunhão.....	85
Figura 8 - Desfile Beleza Negra - 20 de novembro de 2023	86
Figura 9 - Turma 3ºA - apresentação do Dia 21 de novembro de 2023.....	86
Figura 10 - 3ºA Matutino - apresentação do Dia 21 de novembro de 2023.....	87
Figura 11 - 3ºB Matutino - apresentação do Dia 21 de novembro de 2023.....	87

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	21
2	A CONTRIBUIÇÃO DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL, NA PERSPECTIVA DO CIDADÃO CONSCIENTE, EM SALVADOR, NA BAHIA	33
2.1	CRISE SOCIAL NA PÓS-MODERNIDADE.....	33
2.2	RACISMO NO BRASIL E NA BAHIA: ASPECTOS HISTÓRICOS	35
2.3	RACISMO NA BAHIA, EM SALVADOR: ASPECTOS CONTEXTUAIS.....	42
2.4	AÇÕES DO PROJETO PARA VISIBILIZAÇÃO DE PERSONALIDADES NEGRAS	45
3	A DIVERSIDADE RELIGIOSA EM SALVADOR, BAHIA, APORTES PARA A REFLEXÃO SOBRE A TEOLOGIA NEGRA, A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A EXUNÊUTICA.....	51
3.1	DIVERSIDADE RELIGIOSA E RACISMO NO CONTEXTO DE SALVADOR, NA BAHIA	52
3.2	ASPECTOS DE UMA TEOLOGIA NEGRA DA LIBERTAÇÃO À BRASILEIRA	57
4	O PROJETO MISSA DOS QUILOMBOS: UM OLHAR SOBRE O ONTEM E O HOJE DO RACISMO E OUTRAS DISCRIMINAÇÕES, NOS 200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DA BAHIA, NO BRASIL	67
4.1	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS AO LONGO DO ANO LETIVO DE 2023	67
5	CONCLUSÃO.....	89
	REFERÊNCIAS	93

1 INTRODUÇÃO

O racismo é uma questão estrutural e histórica no Brasil, manifestando-se de diversas formas e impactando diferentes aspectos da vida social e cultural do seu povo. No contexto brasileiro, a desigualdade racial é evidente em áreas como educação, emprego, saúde e acesso a direitos básicos. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que a população negra e parda enfrenta taxas mais altas de pobreza, desemprego e acesso limitado à educação de qualidade.

Falar sobre desigualdade social no Brasil é, também, falar sobre desigualdade racial. Esta afirmação é fruto das pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, que apontam que as pessoas pretas ou pardas são as que mais sofrem no país com a falta de oportunidades e a má distribuição de renda. Embora representem a maior parte da população (55,8%) e da força de trabalho brasileira (54,9%), apenas 29,9% destas pessoas ocupavam os cargos de gerência, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018. A relativa desvantagem também se aplica ao ganho mensal de cada raça ou cor. Os números apontam que o rendimento médio mensal da pessoa ocupada preta ou parda gira em torno dos R\$1.608 contra os R\$2.796 das pessoas brancas. E esta desigualdade é mantida, ainda que se leve em consideração o nível de escolaridade; pois a maior parcela das ocupações informais e da desocupação é composta pela população preta ou parda, independentemente do nível de instrução que ela possua. Entre aqueles que concluíram o ensino superior, essa diferença tende a ser um pouco menor.¹

Na Bahia, onde uma significativa parcela da população se identifica como negra ou parda, o racismo se manifesta de maneiras específicas. A cultura afro-brasileira é rica e diversificada, mas ainda enfrenta estigmas e preconceitos. Estudo da Fundação de Pesquisa Econômica (FIPE) aponta que a Bahia tem altos índices de desigualdade racial, refletindo um legado histórico de escravidão e discriminação que continua a influenciar as oportunidades e os direitos dos indivíduos.

Com o cotidiano pautado por discriminações e preconceitos, a ideia da “democracia racial” mascara as intolerâncias. Por exemplo, no contexto histórico patriarcal e escravocrata do país, as mulheres negras são vítimas de discriminação por gênero e raça e esse fenômeno pode ser observado também no mercado de trabalho. Na Bahia, segundo a PNAD Contínua, que contempla o mercado formal e informal de trabalho, enquanto a Taxa de desocupação dos homens brancos correspondia a 12,8%, para as mulheres

¹ IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018.

negras esse índice representava 26,2%. Desagregando as informações entre pretas (26,5%) e pardas (26,1%) a diferença não foi significativa entre elas. No mesmo período, segundo trimestre de 2021, em que as mulheres negras refletiam 41,9% da população total do estado e 35,7% da Força de trabalho, 628 mil mulheres negras estavam na condição de sem ocupação. A Taxa de desocupação dos homens negros (16,1%) também supera o respectivo índice para os brancos (12,8%), com 499 mil homens negros sem trabalho no mesmo período no estado, o que evidencia a maior dificuldade de ingresso no mercado de trabalho.

As posições que os negros ocupam no mercado de trabalho revelam o grau de precariedade a que estão submetidos, ou seja, se ocupam as atividades mais informais, que não possuem registros e benefícios trabalhistas. Assim como na composição da população, a força de trabalho é majoritariamente negra no estado. Entre todos os trabalhadores ocupados no estado (5,4 milhões), os homens negros estão ocupados principalmente por Conta-própria (17,7%), como Empregado no setor privado com carteira de trabalho assinada (12,1%) e como Empregado no setor privado sem carteira de trabalho assinada (11,1%). Destaca-se que, ainda entre todos os trabalhadores ocupados no estado, homens e mulheres, para os homens brancos, as três primeiras posições não se alteram, mas os percentuais sim, e correspondem respectivamente a 3,5%, 2,2% e 1,9%. As trabalhadoras negras estão engajadas em ocupações por Conta-própria (8,1%), como Empregado no setor privado com carteira de trabalho assinada (6,4%) e na categoria de Militar e servidor estatutário (4,8%). Vale ainda ressaltar a presença das mulheres negras também nas atividades precárias, tais como Empregado no setor privado sem carteira de trabalho assinada (3,9%) e Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada (3,7%). Entre todos os empregados domésticos sem carteira, cerca de 81,0% eram mulheres negras.

Os dados exemplificam a permanência da discriminação por raça e gênero. O aprofundamento dessa discussão e outras investigações sobre desigualdades na Bahia integrarão a Série Estudos e Pesquisas (SEP) que será publicada em 2022 pela SEI.²

O Projeto busca retratar as questões de discriminação social, histórica e cultural que ocorre no Brasil abordando de forma consciente, o sentimento cidadão adormecido e esquecido, que paira entre os discentes do Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes (CEDMN), ao mesmo tempo em que resgata a luta do povo baiano, sua ancestralidade e a identidade de seu povo.

Eu, Geciene Nascimento Nunes, enquanto autora do projeto, que fez parte de um programa do CEDMN, juntamente com a proposta da SEC-BA, e com a contribuição da Professora Elisabete Pinto, professora no Campus de Ciências Sociais da UFBA, vem com seus estudantes do primeiro semestre de 2023 para uma parceria com o CEDMN para incentivar ao mesmo tempo, o reconhecimento do aluno preto, pobre e periférico, da possibilidade real de ingressar em universidades,

² ASCOM/SEI. **Desigualdade Racial reflete no mercado de trabalho baiano**. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3591:desigualdade-racial-reflete-no-mercado-de-trabalho-baiano&catid=10&Itemid=1073&lang=pt. Acesso em: 20 dez. 2024.

em especial a pública, apresentando a UFBA como espaço aberto ao discente para conhecê-la, estimulando e incentivando a pensar-se seguidor de sonhos, em busca de inscrição no Enem e escolha de profissão e na perspectiva de orientá-lo para o ensino Superior, e a vida profissional, auxiliando ao melhor aprendizado e preparo desses adolescentes, enquanto apoia os professores e as respectivas famílias. A busca pelo espaço desses profissionais sugere imediatamente a presença dos jovens estudantes da UFBA, para uma troca e aprendizado entre ambos.

Esta pesquisa não consiste, metodologicamente, em uma pesquisa de campo, mas sim de uma reflexão crítica sobre o relatório documentado do projeto realizado no CEDMN. As escolas têm que, com a construção do conhecimento, demonstrar objetivamente, a pesquisa como organizadora de ideias e a compreensão da realidade que o cerca.

O presente Projeto emerge da necessidade em elucidar e resgatar a História do povo latino-americano pobre, discriminado, catequizado e as desigualdades, oriundas da opressão em que vive o povo preto da Bahia, em especial os estudantes do Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes (CEDMN), da vulnerabilidade social de grande parte da clientela da escola pública, seus entraves e avanços frente às leis e comportamentos humanos, numa sociedade que ao longo da História vive sob um regime patriarcal, opressor e que vem sofrendo mudanças, por vezes muito lentas, e que deve atentar para a dignidade e igualdade humanas, aproveitando o momento vivido de 200 anos de Independência da Bahia e, na perspectiva de orientá-los para o ensino Superior, e a vida profissional, entendendo o espaço das universidades públicas, em especial a Universidade Federal da Bahia (UFBA), como espaço permitido para seu ingresso e busca de seus ideais, auxiliando ao melhor aprendizado e preparo desses adolescentes, para a vida adulta.

A construção do Projeto Missa dos Quilombos, um olhar sobre o ontem e hoje de racismo e outras discriminações, nos 200 anos de Independência da Bahia, no Brasil, foi amadurecido ao longo do processo, durante o ano letivo de 2023.

Em vivência conectada com Deus e o amor, refletindo sobre a escola e a missão de ensinar, enquanto se aprende com os e as jovens, nós, educadores e educadoras, convivendo com realidades diversas e na busca por acertar frente ao ensino-aprendizagem, reflexiva e humanista e, analisando a importância das

instituições de ensino para a realidade futura, promissora do e da discente, temos que ‘construir’ escolas que comunguem com o pensamento de Rubem Alves.

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.³

Nesse entendimento, a busca por identidade e pertencimento, deve acontecer na escola como local de aprendizagem e complementação da formação para a vida adulta. A educação deve ser conduzida, a partir de um entendimento que, segundo Santa Dulce, seja representado com a presença do amor:

O que fazer para mudar o mundo? Amar. O amor pode, sim, vencer o egoísmo. O amor supera todos os obstáculos, todos os sacrifícios. Por mais que realizemos, nada se compara ao que Deus faz por nós.

A miséria é falta de amor entre as pessoas. Não agrada a Deus a insensibilidade. O problema é estrutural, pois as pessoas individualmente ajudam, como fizeram até agora comigo.

Só com amor, fé e dedicação, é possível transformar a realidade em que vivemos. O amor constrói e solidifica. Tudo seria melhor, se houvesse mais amor.⁴

A vida é uma luta contínua e temos que enfrentar as coisas que nos são apresentadas na escola com seus desafios e servindo de exemplo para os jovens, na perspectiva de que eles devem escolher caminhos de sucesso, com objetivos e perseverança. O amor é imprescindível para a vida. Deus é amor.

A educação precisa de educadores e educadoras corajosos e corajosas e que aceitem os desafios da contemporaneidade, pois um e uma excelente educador e educadora não precisa ser perfeito e/ou perfeita, mas alguém que tem serenidade para a sensibilidade para aprender, enquanto ensina. Sendo assim, me espelho nessa reflexão para me permitir ao menos tentar ser uma educadora que se aproxime e contribua, de fato, para a formação cidadã, daquele que vem a mim.

O mestre dos mestres foi um excelente educador porque era um contador de parábolas. Cada parábola que ele contou a 2000 anos era uma rica

³ ALVES, Rubem. **Por uma Educação romântica**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2009. p. 9.

⁴ SENA, Luzia (Org.). **Cinco minutos com Deus e Irmã Dulce**. São Paulo: PAULINAS, 2011. p. 7.

história que abria o leque da inteligência, destruía preconceitos e estimulava o pensamento. Este era um dos segredos pelos quais ele vivia rodeado de jovens.

Os jovens apreciam pessoas inteligentes. Para ser inteligente não é preciso ser um intelectual ou um cientista, basta criar histórias e inserir nelas lições de vida.⁵

Desenvolver um projeto como esse na escola é desafiador, mesmo nos tempos atuais, com a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, pois, por mais que se avance nas discussões, ainda nos deparamos com professores se recusam a valorizar atividades lúdicas que façam aflorar os saberes de seus alunos:

Bons professores usam memória como armazém de informações, professores fascinantes usam a memória como suporte da criatividade. Bons professores cumpriram um conteúdo programático das aulas, professores fascinantes também cumpriu o conteúdo programático, mas seu objetivo fundamental é ensinar os alunos a serem pensadores e não repetidores de informações.⁶

Para intensificar o desenvolvimento da educação que desmistifica o poder do conhecimento e o respeito à religiosidade, o presente projeto busca na Teologia, seu entendimento na fé e no amor ao próximo, contextualizando na leitura contra o racismo estrutural que se perpetua no comportamento segregacionista incorporado como natural e inexistente em Salvador, normalizado por práticas comuns cotidianas, que precisam ser enxergadas por quem pratica e por quem é vítima, demonstradas na convivência desigual perpetuada a séculos na Bahia, no Brasil e no mundo!

A religião é um dos princípios da civilização humana mais básicos. A crença nas divindades, no mundo sobrenatural, garante ao homem um sentido para sua vida. Mircea Eliade diz que “a vida humana adquire sentido ao imitar os modelos paradigmáticos revelados por seres sobrenaturais”. Com base nessa afirmativa, acreditamos que assim como as divindades gregas moldaram o mundo ocidental, as divindades africanas moldaram o mundo africano. Assim pensamos na construção de um paradigma hermenêutico que favoreça a voz.

A globalização, curiosamente, ao invés de promover uma “cultura mundial”, acabou por provocar o recrudescimento dos valores culturais de cada povo do planeta. No campo político gerou muitas discórdias, mas no campo religioso resultou no reconhecimento da diversidade de manifestações de fé e também no princípio da alteridade, ou seja, o reconhecimento do outro como sujeito de sua própria vida.

⁵ CURY, Augusto. **Pais brilhantes e professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. p. 37.

⁶ CURY, 2008, p. 50.

No entanto, o recrudescimento de ideologias religiosas baseadas num cristianismo exclusivista, fomentou o reconhecimento da necessidade de melhorias na qualificação do discurso afro-religioso. Uma afro-apologética se fez necessária.⁷

Vivemos em um mundo de contradições. Durante muito tempo na história da humanidade, injustiças sociais acontecem e grupos lutam e clamam, muitas vezes por coisas opostas. Desde os tempos mais remotos, o ser humano domina seu semelhante, tornando-o escravo, enquanto ao mesmo tempo se beneficia da exploração, dizendo ser para o desenvolvimento e bem estar “social”, usando a fé e a ignorância de muitos e muitas, sem piedade, sem solidariedade, causando mortes, guerras, fome, pregando o nome de Deus, com sermões conservadores e opressores, que não dialogam com a verdade e o amor, criando “teias” de libertação, muitas vezes com a ilusão do paraíso em outra dimensão, ou a vida que não seja esta, presente, no mundo em que vivemos.

O mundo é desigual e o e a discente precisa saber se posicionar criticamente, mesmo e até porque está vivendo em meio à discriminação, à desigualdade, a misoginia, o medo e a indiferença alheia.

A iniciação dos trabalhos ocorreu na primeira unidade de 2023, com a apresentação e elaboração de Plano de Pesquisa para os e as estudantes da professora Geciene, do CEDMN, explorando como tema para o ano letivo, Educação e Território no Bicentenário da Independência da Bahia, proposto pela Secretaria de Educação (SEC) que avaliou e entendeu esse tema amplo e necessário, que conta com a liberdade e valorização do ser humano, às desigualdades sofridas entre o povo brasileiro em especial o povo baiano, a necessidade de seu reconhecimento e evidenciada com o desemprego e a fome acentuada, além das agressões ao meio ambiente, às mulheres, aos povos originários, à população negra, às pessoas LGBTQIAPN+ e aos outros grupos considerados minorias, para discutir acerca do dia 8 de março e o papel da mulher na sociedade, abordando ainda o papel de mulheres e da sociedade nordestina, em especial baiana na expulsão dos portugueses no ato de Independência do Brasil, tendo como referências Joana Angélica, Maria Quitéria e Maria Felipa, seguido do racismo, preconceito religioso, desigualdades sociais, e qualquer forma de discriminação que alcance entendimento

⁷ SILVEIRA, Hendrix A. A. **Exunêutica**: construindo paradigmas para uma interpretação afro-religiosa. Mairiporã/SP: Arole Cultural, 2024. p. 1-2.

de abordagem, pois o e a estudante poderá expressar-se de forma crítica, e pesquisada.

Os temas foram aprofundados em cada sala de aula, onde foi sugerida para cada turma uma música da “Missa dos Quilombos”, pertencente ao trabalho de Milton Nascimento, Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra. Cada turma se deteve em aprofundar recortes acerca da evolução histórica desse Brasil e, em especial da Bahia tão jovem e tão desigual. Ao mesmo tempo em que de buscou provocar no e na discente a discussão sobre o seu lugar de fala, seu lugar de luta, seu lugar de pertencimento e a partir de então, sua postura de abrangente transformador e transformadora na sociedade em que vive.

Neste contexto, várias frentes foram provocadas para pesquisa e contexto teórico, direcionados para que a luta exista a partir da provocação para a inquietação e consciência de necessidade de mudanças. Milton Santos, geógrafo baiano, conhecido por suas análises críticas sobre o desenvolvimento e as desigualdades no Brasil descreve esse sentimento:

Descontínuo, instável, o espaço dos países subdesenvolvidos é igualmente multipolarizado, ou seja, é submetido e pressionado por múltiplas influências e polarizações oriundas de diferentes níveis de decisão. Quanto menor a escala do lugar, mais numerosos são os impactos, o que dá uma decomposição do tempo à escala local. (SANTOS, 1973).

Enfim, o espaço dos países subdesenvolvidos é marcado pelas enormes diferenças de renda na sociedade, que se exprimem, no nível regional, por uma tendência à hierarquização das atividades e, na escala do lugar, pela coexistência de atividades e, da mesma natureza, mas de níveis diferentes. Essas disparidades de renda são menos importantes nos países desenvolvidos e influenciam muito pouco o acesso a um grande número de bens e serviços. Ao contrário, nos países desenvolvidos a possibilidade de consumo dos indivíduos varia muito. O nível de renda também é função da localização do indivíduo, por qual determina, por sua vez, a situação de cada um como produtor e como consumidor.

O comportamento do espaço acha-se assim afetado por essas enormes disparidades de situação geográfica individual.⁸

Essa citação ilustra a visão de Milton Santos sobre como o espaço geográfico e a organização do território reflete e perpetua desigualdades sociais. Ele argumenta que as condições de vida e as oportunidades são moldadas pelas relações sociais e econômicas e essas desigualdades estão visivelmente

⁸ SANTOS; Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. EDUSP, São Paulo, 2008. p. 21.

manifestadas na forma como o espaço é organizado e utilizado. Em Salvador, a desigualdade entre a educação das escolas públicas e particulares é um reflexo das desigualdades sociais e econômicas mais amplas enfrentadas na cidade.

A Bahia é um dos estados brasileiros com grande diversidade socioeconômica, mas enfrenta desafios significativos relacionados à desigualdade. As desigualdades na Bahia são evidentes na educação em que sua qualidade varia consideravelmente. Escolas em áreas mais abastadas geralmente oferecem melhores recursos e oportunidades em comparação com as escolas em áreas mais pobres; saúde, onde o acesso a esses serviços também são de qualidade desigual. Áreas mais ricas tendem a ter melhores instalações e profissionais de saúde, enquanto áreas mais pobres frequentemente carecem de recursos adequados; na habitação, a segregação espacial é evidente na diferença entre áreas urbanas desenvolvidas e áreas periféricas ou favelas, onde as condições de vida são muitas vezes precárias; quanto às oportunidades de emprego e os níveis salariais variam muito. As áreas com maior desenvolvimento econômico oferecem mais oportunidades e salários mais altos, enquanto as regiões mais pobres enfrentam taxas de desemprego mais altas e salários mais baixos.

Frente a essas evidências socialmente visíveis, têm-se grandes diferenças entre as escolas particulares e as escolas públicas que revelam a necessidade de investimentos reais para dirimir as discrepâncias na oportunização dos e das jovens pretos e pretas e pobres, em especial e mudar a realidade social baiana e consequentemente brasileira. Grandes problemas nas escolas públicas revelam dificuldades dos e das discentes, que sempre apresentam menores índices de escolaridade e preparação para o mundo adulto, pois muitas escolas públicas em Salvador enfrentam desafios significativos relacionados à infraestrutura e aos recursos humanos e materiais. Muitas têm instalações precárias, falta de materiais didáticos adequados, e poucos recursos tecnológicos. A qualidade da educação pode ser comprometida devido à falta de manutenção e mesmo com profissionais pouco qualificados.

Em contraste, as escolas particulares geralmente oferecem uma infraestrutura superior, com melhores instalações, recursos tecnológicos avançados, e uma variedade de atividades extracurriculares. Isso contribui para uma educação mais abrangente e personalizada.

Na discussão quanto ao ingresso do e da estudante na universidade, em particular nas universidades públicas, onde a UFBA é um exemplo, observa-se que muitas escolas públicas enfrentam dificuldades para preparar seus e suas estudantes para o processo seletivo de vestibular e/ou ENEM, devido à falta de recursos e ao currículo menos abrangente. Além disso, a carga horária pode ser insuficiente para a preparação adequada para esses exames. Já nas escolas particulares frequentemente são oferecidos cursos preparatórios e simulados para o ENEM e/ou vestibulares para os e as estudantes. Elas podem ter programas específicos de preparação para exames, com foco em estratégias de prova e aprofundamento dos conteúdos exigidos, além de preparar os e as discentes quanto às áreas escolhidas e estudos específicos.

O CEDMN encontra-se no Canela, bairro com ocupação de classe média a alta, que demonstra claramente a discriminação contra o estudante do CEDMN, que frequenta este estabelecimento de ensino, mas que não pertence ao bairro e são na maioria, provenientes de bairros periféricos próximos e distantes. O que se observa é que eles surgem dos guetos em busca de novos horizontes e perspectivas e que saem dos ambientes muitas vezes violentos, pois os pais e as mães investem o pouco que têm em transporte para que seus filhos possam conquistar um futuro melhor, pois acreditam na educação. Muitas vezes seus bairros periféricos não possuem escolas de ensino médio e seus filhos são ameaçados pelas milícias, por frequentarem bairros vizinhos, que tenham escolas de ensino médio, mas que têm brigas entre facções rivais. Essa situação pode impactar significativamente o acesso à educação e à vida escolar dos e das jovens, exacerbando desigualdades e aumentando o risco de marginalização. Em áreas onde facções rivais estão em conflito, pode haver proibições informais que impedem os e as jovens de frequentar escolas em bairros controlados por facções opostas. A separação forçada entre áreas pode aprofundar a segregação social e econômica, limitando as oportunidades de interação e desenvolvimento para os jovens.

No ano que completa 200 anos de Independência da Bahia, no Brasil, após o ano que se comemorou a Independência do Brasil, ou seja, 2022. Nesse cenário, estes questionamentos conduzem ao seguinte problema: Qual o grau de consciência

do papel social que o e a estudante tem para enfrentar os desafios nas universidades e na vida do trabalho?

A educação precisa estar cada vez mais centrada no e na jovem como sujeito e sujeita, com um potencial que precisa ser motivado para ser reconhecido por si mesmo e pela sociedade. É através da estimulação de habilidades e conhecimentos necessários que se processará a expressão desse potencial.

Os limites do universo familiar, traçados pela narrativa que a própria família constrói sobre si, moldando sua identidade, são frequentemente desafiados pelas ações individuais de cada um de seus membros. Cada indivíduo reage de maneira única às dinâmicas internas e introduz, no cotidiano familiar, suas experiências singulares com o mundo externo. A tensão entre os diversos discursos dentro da família evidencia sua singularidade no mundo contemporâneo: a família se define ao mesmo tempo como um núcleo, mas o e a discente pode e deve evoluir, pois deve identificar, como um ser que tem uma entidade constantemente influenciada pelo mundo exterior. Essa influência externa traz um crescimento pessoal, que deve ser acompanhado de escolhas influenciadas pelo conhecimento evolutivo, com o qual a família deve interagir e ajustar-se, modificando sua própria essência. A escola deve estimular e até oferecer suporte para tal evolução pessoal.

A pesquisa apresentada, de natureza básica bibliográfica, documental, descritiva, exploratória e qualificativa, busca apresentar um recorte didático de enfrentamento nas escolas públicas, em especial o CEDMN, quanto ao seu papel libertador de geração de uma sociedade preta, pobre e periférica consciente, para o enfrentamento de suas possibilidades e oportunidades no mundo vivido, correlacionando às vidas que não conhecem, abrindo um campo de observações ampliadas, para além daquelas vividas, como possíveis de conquistar e conviver.

O e a discente precisa entender que à luz do problema apresentado na pesquisa do projeto integrador Missa dos Quilombos, um olhar sobre o ontem e o hoje sobre o racismo e outras discriminações, nos 200 anos de Independência da Bahia, no Brasil, que ele pode se situar enquanto cidadão com direitos e por isso mesmo, parte integrante de uma sociedade que o oprime e que deve mudar, pois ele pode e deve inteirar-se das discussões para essa transformação para si e seu pares.

O estudo da Teologia Negra, bem como da Exunêutica, são de vital importância para o entendimento das discriminações raciais e consequentemente dos ataques realizados às religiões de matriz africana, demonstrando que devemos lutar contra a intolerância religiosa e a favor da valorização do ser humano. A sociedade hoje valoriza o Ter e não o Ser e nesse contexto, humilha, discrimina e dificulta a vida do outro de conquistar, criando uma desvalorização da pessoa a partir de práticas de exclusão.

O objetivo da pesquisa é verificar com o e a discente, o impacto da problematização sobre o racismo que o projeto integrador provoca e ilumina, despertando suas emoções, contidas e adormecidas. Nessa direção, o projeto destaca alguns referenciais significativos, como as pesquisas sobre personalidades que se destacam na luta do negro e da libertação do negro na Bahia, homens e mulheres que lutaram para a independência da Bahia, e do Brasil, e referenciar isso nos 200 anos de Independência do Brasil, na Bahia, visualizando uma história mal contada, desde o “descobrimento do Brasil” até a Independência decretada no ano anterior ao seu desfecho, na Bahia, a presença das mulheres pretas e pardas no processo de construção da Nação, sempre esquecidas de ser mencionadas e que o resgate da identidade do nosso povo merece ser debatido e implementado nas mentes e corações de seus descendentes. Precisamos ver nossa ancestralidade identificada e reconhecida por nós e pela história.

Além de personalidades antigas, resgatamos a história do negro e da negra, na obra “Missa dos Quilombos”, como parâmetro medidor do tempo, para discutir os avanços e entraves atuais, pois se trata de uma obra de 1981, do século passado, enquanto discutimos sobre o povo baiano, soteropolitano e estudante do CEDMN, quanto à realidade vigente, buscando personalidades da música, arte, dança, profissionais das mais variadas profissões e nós mesmos, da comunidade, percebendo o que de real aconteceu e acontece ainda. Buscamos então, discutir o que acontece no mundo contemporâneo e o resgate dos discursos dos avôs, das avós, vizinhos, vizinhas, pais, mães, professoras e professores sobre as transformações sociais e a violência.

O percurso metodológico de desenvolvimento desta pesquisa apresenta-se nas seguintes etapas:

No primeiro capítulo o estudo apresentará uma contribuição da construção social em Salvador, na perspectiva do cidadão e da cidadã consciente. Há então uma explanação sobre a realidade contemporânea que demonstra uma crise pós-modernidade, a realidade da exclusão social a partir da discriminação racial estruturada numa sociedade patriarcal e descendente branca, mesmo hoje miscigenada, mas que é considerada de classe média e alta, a busca do real papel da educação para consciência do discente preparado para o mundo atual e a contribuição a partir de personalidades negras importantes que servem como exemplo.

No segundo capítulo, será dado um breve relato sobre a diversidade religiosa em Salvador, Bahia e aportes para a reflexão sobre a Teologia Negra, analisando as diversas religiões que convivem e resistem entre si. Durante o relato da importância da Teologia Negra, busca-se entender a História da Bahia, representada na reflexão dos 200 anos de Independência da Bahia, no Brasil e o apagamento da memória afetiva dos baianos e das baianas da sua ancestralidade, até porque durante a escravidão, o negro e a negra como mercadoria não foi registrado como migrante, por ter sido utilizado como mercadoria e, portanto, inferior na condição de humano.

O terceiro capítulo apresenta as etapas e evolução do projeto aplicado em salas de aulas, com as interpretações e interações dos alunos do CEDMN, no projeto integrador. No final, uma conclusão baseada nas leituras, interpretações e contribuições dadas pelas experiências vividas pelo corpo técnico do CEDMN, leituras acadêmicas e as experiências vivenciadas, ao longo do ano e na apresentação do projeto, ao final.

Boa leitura!

2 A CONTRIBUIÇÃO DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL, NA PERSPECTIVA DO CIDADÃO CONSCIENTE, EM SALVADOR, NA BAHIA

Neste capítulo apresentamos uma contribuição da construção social em Salvador, na perspectiva da necessidade do cidadão consciente, mas que se depara com uma educação diferenciada e segregadora, nos espaços constituídos de fragilidades, como a escola pública e que se depara com uma crise pós-modernidade, onde a realidade da exclusão social a partir da discriminação racial é estruturada numa sociedade patriarcal e descendente branca, mesmo hoje miscigenada, demonstra-se forte e consolidada.

Há uma contribuição a partir de personalidades negras importantes e evidenciadas no projeto Missa dos Quilombos, um olhar sobre o ontem e hoje de racismo e outras discriminações, nos 200 anos de Independência da Bahia, no Brasil, para o empoderamento dos jovens periférico, que estudado e interpretado podem vir a elucidar a consciência cidadã a que tem direito.

2.1 CRISE SOCIAL NA PÓS-MODERNIDADE

A teoria da modernidade líquida, desenvolvida pelo sociólogo Zygmunt Bauman, oferece uma perspectiva crítica sobre as mudanças nas sociedades contemporâneas, especialmente em relação à insegurança e à fluidez das identidades e das relações sociais. Quando aplicada ao contexto do jovem baiano preto de escola pública sem perspectiva de futuro, essa teoria pode ajudar a entender melhor os desafios enfrentados por esse grupo específico.

Na modernidade líquida, Bauman descreve um mundo em que as estruturas sociais e as relações são mais flexíveis e instáveis do que as vividas pelas sociedades mais antigas. Hoje, as pessoas experimentam uma sensação de insegurança constante em relação ao futuro. A estabilidade e as certezas que caracterizavam as sociedades modernas anteriores estão em declínio, substituídas por uma sensação de constante mudança e incerteza. As identidades, carreiras e relações sociais se tornam mais flexíveis e menos fixas, graças às transformações mais rápidas. A vida das pessoas é marcada por uma série de transições e mudanças que podem gerar um sentimento de desamparo ou de falta de controle

sobre o próprio destino. A responsabilidade pelo sucesso ou fracasso é frequentemente colocada no nível individual, em vez de ser vista como resultado de condições estruturais mais amplas, causando um desalento no cidadão que se sente sozinho e na cidadã que se sente sozinha, frente aos problemas sofridos, pensando ser individual.

A partir da urgência de um *ethos* mundial, precisamos discutir com os jovens sobre os problemas que atingem a Terra: A crise social, com a mudança da natureza da operação tecnológica, mediante a robotização e a informatização, distantes da geração pobre, a exemplo da estudada, onde a produção fantástica da riqueza, aumentado o fosso entre os ricos e os pobres os atinge; a crise do sistema de trabalho com as novas formas de produção cada vez mais automatizadas dispensando o trabalho humano, causando desesperança de futuro e descrença na educação, em que, em seu lugar entra a máquina inteligente, destruindo postos de trabalho tornando os trabalhadores e as trabalhadoras descartáveis, criando um exército de excluídos em todas as sociedades mundiais e a crise ecológica, com o princípio da autodestruição. Analisar que o local e o global interagem e são fundamentais na interpretação do mundo atual, atinge o lugar de pertencimento que o discente desconfia não ser seu e não reconhecer-se em nenhum lugar.

Uma fração de cidadãos (pouco importa que sejam minoria ou maioria) impõe a todos os outros cidadãos suas ideias e ações, que são guiadas por uma autoridade que essa fração reconhece espontaneamente, mas que não consegue fazer que os outros reconheçam; e quando essa fração as impõe aos outros sem “chegar a acordo” com eles, sem tentar chegar a algum “compromisso” com eles e sem considerar suas ideias e desejos (determinados por outra autoridade, que esses outros reconhecem espontaneamente).

Como é essa desconsideração das ideias e desejo do “outros” que faz a tirania tirânica, a tarefa consiste em romper a corrente cosmogenética (como diria Gregory Bateson) da negligência arrogante, de um lado, e do dissenso mudo, de outro e encontrar algum terreno em que ambos possam se encontrar para uma conversação frutífera.⁹

Ao discutir essas ideias, no sistema capitalista, Karl Marx descreveu:

Como Karl Marx descobriu, as ideias das classes dominantes tendem a ser as ideias dominantes (proposição que, com nossa nova compreensão da linguagem do seu funcionamento, porém poderíamos considerar pleonástica). Por pelo menos 200 anos foram os administradores das

⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Ed. Zahar: Rio de Janeiro, 2021. p. 62-63.

empresas capitalistas que dominaram o mundo isto é, separaram o factível do implausível, o racional do irracional, o sensato do insano, de outras formas ainda determinaram e circunscreveram a gama de alternativas dentro das quais confinar as trajetórias da vida humana. Era, portanto, sua visão do mundo, em conjunto com próprio mundo, formado e reformado à imagem dessa visão, que alimentava e dava substância ao discurso dominante.¹⁰

Atualmente, o consumismo mudou, porém os pobres não vivem numa cultura separada da dos ricos. Eles devem viver no mesmo mundo que foi planejado em proveito daqueles que têm dinheiro, mas o capitalismo impõe uma lógica diferente e a pobreza é agravada pelo crescimento econômico, da mesma forma que intensificada pela recessão e pelo não crescimento.

As pessoas que se movem agem com maior rapidez, que mais se aproximam do momentâneo do movimento, são as pessoas que agora mandam. E são as pessoas que não podem se mover tão rápido-e, de modo ainda mais claro, a categoria das pessoas que não podem deixar seu lugar quando quiserem - as que obedecem. A dominação consiste em nossa própria capacidade de escapar, de nos desengajarmos, de estar “em outro lugar”, e no direito de decidir sobre a velocidade com que isso será feito - e ao mesmo tempo de destituir os que estão do lado dominado de sua capacidade de parar, ou de limitar seus movimentos ou ainda torná-los mais lentos. A batalha contemporânea da dominação é travada entre forças que empurram, respectivamente, as armas da aceleração e da procrastinação.¹¹

A competição pela sobrevivência certamente não é apenas o destino dos trabalhadores - ou, de maneira mais geral, de todos os que estão do lado que sofre a mudança da relação entre tempo e espaço. Essa questão tem que ser discutida para pensamentos com possibilidades e escolhas.

2.2 RACISMO NO BRASIL E NA BAHIA: ASPECTOS HISTÓRICOS

A escravidão nas Américas, e especificamente no Brasil, é um tema de grande complexidade histórica. Enquanto a escravidão estava em declínio na Europa, ela se expandiu e se consolidou nas Américas, especialmente no Brasil. Esse paradoxo sobre a situação da escravidão aconteceu principalmente por causa da escassez de mão de obra.

¹⁰ BAUMAN, 2021, p. 73.

¹¹ BAUMAN; 2021, p. 152.

O Império marítimo português, que surge a partir da aplicação de novas técnicas em embarcações, contribuiu para os acontecimentos com grandes implicações na evolução da política mundial.¹² A partir das navegações portuguesas e da capacidade de mobilidade de suas embarcações tornou-se possível a concepção de um mundo globalizado que propiciou, ao mesmo tempo, a expansão comercial europeia e a subjugação dos continentes inteiros.

A chave que abriu as portas do Hemisfério Austral para os portugueses foi a descoberta do “segredo dos ventos” na altura do arquipélago dos Açores. Nesta área, formava-se uma verdadeira autoestrada marítima, em decorrência dos ventos variáveis e dominantes do sudoeste que levava os navios de volta para a costa portuguesa. O conhecimento do regime de eventos solucionou o problema crucial de torna-viagem dos navegadores dando-se início aos grandes empreendimentos exploratórios sobre os oceanos.

No Atlântico, as descobertas marítimas portuguesas alargaram a sua dimensão geográfica. A ideia do Atlântico Austral e sua Constituição em mare Oceanus foram propiciadas graças à viagem de Pedro Álvares Cabral em 1500 quando se percebeu que este oceano, além da África, margeava uma nova terra, o Brasil. (BUTEL,1997). A definição de um Atlântico Austral surgiu, portanto, concomitantemente as postulações portuguesas de desenvolver uma política de domínio marítimo baseado no controle das margens brasileira e africana. Esta política permitiu que se constituísse uma bacia de dimensões oceânica, decorrente do intenso comércio, de natureza colonial, que se estabeleceu entre ambas as margens.¹³

A escravidão no Brasil começou no início do século XVI, com a chegada dos colonizadores portugueses. Inicialmente, os indígenas foram escravizados, mas a alta mortalidade e resistência deles levaram os colonizadores a buscar uma alternativa. A escravidão indígena foi uma prática devastadora que teve profundas consequências negativas.

Essa prática envolveu a captura, subjugação e exploração dos povos indígenas pelos colonizadores europeus, e deixou um legado duradouro de trauma e desigualdade. A escravidão forçada desintegrou as estruturas sociais e culturais das sociedades indígenas, fazendo as comunidades serem fragmentadas, contribuindo para que muitas tradições e práticas culturais fossem perdidas ou severamente comprometidas.

¹² MODELSKI THOMPSON, 1988.

¹³ PENHA, Eli Alves, **Relações Brasil África e Geopolítica do Atlântico Sul**, EDUFBA, Salvador, 2011. p. 23-24.

No final do século XVI, o império comercial português atingiu seu apogeu. Sua esquadra, composta de 400 navios (naus), 2000 caravelas e centenas de outras tantas embarcações menores, sinzagravam todos os mares transportando mercadorias para serem comercializadas na Europa, territórios na Ásia, África e América. Através dos capitais acumulados no comércio europeu com as Índias, aplicaram no desenvolvimento do comércio açucareiro, a partir do estabelecimento de um moderno complexo agroindustrial de produção de açúcar no Nordeste do Brasil. (SCHILLING, 1978).

O desenvolvimento da produção açucareira no Brasil se iniciou em meados do século XVI face às invasões francesas e à concorrência holandesa ao comércio português na Ásia. A base deste trabalho residia na mão-de-obra escrava oriunda da África, sobretudo das regiões de Angola, do Congo e da Costa da Guiné. O comércio Atlântico de escravos foi inaugurado pelos próprios portugueses, em princípios do século XVI no Golfo da Guiné, onde comercializavam ouro em troca de escravos para trabalharem na Costa da Mina. Ao longo desse século, este comércio desloca-se progressivamente para a África Central, na embocadura do rio Congo. O comércio de escravos nesta região obedeceu a dois impulsos sucessivos: o primeiro resultou do desenvolvimento das plantações de cana-de-açúcar na ilha de São Thomé; o segundo foi decorrente do crescimento da demanda hispano-americana e, sobretudo brasileira, por escravos. (ABSHIRE, 1969).¹⁴

A partir do século XVII, a importação de africanos escravizados tornou-se a principal fonte de trabalho forçado no Brasil. O tráfico de escravizados africanos foi incentivado para suprir a demanda crescente nas plantações de açúcar e, posteriormente, nas minas e outros setores econômicos. A economia colonial brasileira dependia fortemente da produção agrícola, especialmente do açúcar, e da mineração de ouro e diamantes. A escravidão era central para a operação desses setores, que demandavam uma grande quantidade de trabalho intenso e contínuo.

O cultivo de cana-de-açúcar nas plantações exigia um trabalho físico intenso e contínuo. O sistema de plantation era baseado na exploração extensiva de trabalho escravo, dada a dificuldade e o alto custo de se manter uma força de trabalho livre.

Até o século XVII o Comércio Atlântico Brasil-África se orientava a partir da produção açucareira do Nordeste e da região fluminense baseada no trabalho escravo africano obtido nas regiões do Golfo da Guiné e da África Central. No início do século seguinte, contudo, a produção açucareira que até então dominava a economia colonial é substituída pela produção aurífera e diamantífera na região das Minas Gerais. A partir daí mudam-se os termos do pacto colonial: a diferenciação setorial e regional da demanda faz nascer interesses conflitantes no mercado interno e externo de escravos. Nos portos africanos de comércio de escravos o ouro brasileiro passa a suscitar perturbações no comércio, principalmente na Costa da Mina onde a soberania portuguesa era questionada. Os holandeses e

¹⁴ PENHA, 2011, p. 31.

ingleses estimulam as trocas de africanos contra o ouro em pó, trazido do Brasil pelos negreiros, e repassam os produtos manufaturados brasileiros por intermédio dos negreiros. Esta intermediação crescente faz aumentar o temor no Brasil de que Portugal não controlasse o conjunto do comércio de escravos, repartindo-o com outras potências coloniais.¹⁵

Nas minas, a extração de ouro e diamantes também exigia uma grande quantidade de mão de obra. A mineração era uma atividade extremamente perigosa e extenuante, o que tornava a utilização de trabalho escravo uma prática predominante.

Os escravizados africanos desempenhavam papéis fundamentais em todos os aspectos da vida econômica e social no Brasil colonial, pois seriam responsáveis pela produção agrícola, extração mineral e também contribuíram para trabalhos domésticos e serviços urbanos.

A escassez de mão de obra livre, combinada com a resistência dos trabalhadores livres a condições de trabalho extremamente duras e mal remuneradas, aumentou a dependência do trabalho escravo. Trabalhadores livres eram frequentemente escassos devido às más condições de vida e aos baixos salários.

No final do século XVIII e início do século XIX, o tráfico de escravizados começou a ser questionado e regulamentado, levando a um declínio gradual da importação de escravizados. No entanto, a economia brasileira continuou a depender fortemente do trabalho escravo até a abolição formal da escravidão em 1888.

Na Europa, a escravidão foi sendo gradualmente abolida ao longo dos séculos XVIII e XIX. Movimentos abolicionistas, mudanças econômicas e sociais e a influência das ideias iluministas contribuíram para o declínio da escravidão no continente europeu. A economia europeia começou a se orientar mais para a industrialização e o trabalho assalariado, o que reduziu a dependência da mão de obra escrava.

Ao contrário da Europa, nas Américas, a escravidão não só continuou como se expandiu, principalmente devido à crescente demanda por trabalho nas plantações e minas. A dinâmica econômica e social das colônias e depois dos

¹⁵ PENHA, 2011, p. 36-37.

países independentes nas Américas fez com que a escravidão permanecesse uma instituição fundamental.

A escravidão africana, um dos pilares da economia colonial nas Américas, foi justificada e sustentada por ideologias de inferioridade racial. Os africanos foram tratados como propriedade e essa desumanização ajudou a solidificar a hierarquia racial. No século XIX, ideologias pseudocientíficas, como o racismo científico, foram desenvolvidas para justificar a superioridade branca e a inferioridade racial de outros grupos. Essas ideias foram usadas para legitimar e perpetuar sistemas de dominação racial. Leis e políticas racistas, como a segregação racial e a discriminação institucionalizada, foram implementadas para manter o controle e a supremacia branca, solidificando o racismo estrutural.

Há muito tempo, que predomina a ideia de que existe uma diferença mental entre indivíduos membros de raças diferentes. Chegando ao ponto de explicar que essas supostas diferenças, eram em decorrência do processo anatômico e fisiológico que causavam a soldadura mais precoce no crânio das raças, equivocadamente ditas inferiores, faltando espaço para o desenvolvimento do cérebro, prejudicando assim o desempenho das faculdades mentais.

Essas ideias, atualmente, estão desmascaradas pelas pesquisas científicas. O desenvolvimento e o subdesenvolvimento mental não tem nada a ver com a raça. E sim, com o contexto sócio cultural.

Em condições que sejam favoráveis qualquer raça pode se desenvolver intelectualmente e criar grandes civilizações. A estrutura psíquica do homem e a sua formação cultural são determinadas pelo meio social, não tendo nenhuma importância, às características raciais para o desenvolvimento das atividades mentais. O grande antropólogo soviético Mícluco-Maclai estudou o problema da inteligência nos povos da Oceania, especialmente os papuas e verificou o que esses são tão inteligentes quanto povos europeus. Desta maneira, Mícluco-Maclai derrubou a tese antes científica dos racistas que afirmam a incapacidade mental inata dos povos não brancos.¹⁶

A definição de raça é um conceito complexo e frequentemente debatido e questionável. Em geral, a raça refere-se a categorias de pessoas que compartilham características físicas, como cor da pele, tipo de cabelo e traços faciais, que são percebidas como distintas em um contexto social. No entanto, a noção de raça é muito mais do que uma simples classificação biológica; é também uma construção social que tem implicações significativas em termos de identidade, cultura e poder.

¹⁶ CRUZ, Manuel de Almeida. **Alternativas para combater o racismo Segundo a Pedagogia Interétnica**, Salvador, Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, 1989. p. 38-39.

Diversos antropólogos modernos observam que a ideia comum de raça é um dos equívocos altamente perigosos para a humanidade, e que pode resultar em trágicas consequências. O conceito vulgar de raça é amplamente divulgado por todo mundo, estabelecendo diferenças físicas e psíquicas entre chamadas raças, o que não é exato.

No entanto, quando partimos para examinar este problema, observamos que a classificação da humanidade em raças rigorosamente diferenciadas esbarra-se em significativas dificuldades, principalmente quando se tenta atribuir diferenças mentais entre as categorias raciais. A superioridade de uma raça sobre as outras nunca foi estudada de maneira científica e muito pouco provada.

Na opinião de Fernando Martins, antropólogo e sociólogo cubano, “a raça é um conceito humano tão histórico e cientificamente convencional e imutável, como social e vulgarmente soberbo e desapiedado”. Poucos conceitos existem mais confusos e ávidos que o da raça. Confuso pelo impreciso, aviltado pelos desprezíveis, intuitos políticos e sociais com o que foi empregado. O próprio vocábulo raça não é puro, e chega até nós, manchado em infâmia. Raça é a voz do mau nascimento da minha vida.¹⁷

O racismo estrutural é uma realidade persistente em muitas sociedades ao redor do mundo, incluindo o Brasil. Esse conceito refere-se à forma como o racismo está incorporado nas estruturas sociais, econômicas e políticas de uma sociedade, impactando sistematicamente certos grupos raciais ou étnicos de forma negativa. O racismo estrutural é um sistema de desigualdades que está embutido nas instituições e práticas de uma sociedade. Ele vai além de atos individuais de discriminação e envolve normas, políticas e práticas que criam e perpetuam desvantagens para grupos racialmente subordinados.

O racismo estrutural é profundamente enraizado e pode persistir ao longo do tempo, mesmo com mudanças nas leis e políticas. Ele é sustentado por práticas e normas que frequentemente se tornam naturalizadas na sociedade.

O Brasil é fundamentalmente um país de formação pluriétnica e multicultural, sendo que os grupos étnicos representados pelo negro e pelo índio ocupam uma posição subalterna em relação ao grupo étnico dominante, representado pelo branco. Este é o senhor do país, comanda todo o processo político-econômico e cultural, ditando as normas, valores culturais e filosóficos, sem considerar os valores dos demais grupos étnicos existentes no país, resultando assim em um relacionamento antidialógico para com o negro e o índio.¹⁸

Estudantes negros e negras muitas vezes enfrentam barreiras significativas no acesso à educação de qualidade. As escolas públicas, que atendem majoritariamente a populações de baixa renda e negras, frequentemente têm menos

¹⁷ CRUZ, 1989, p. 41.

¹⁸ CRUZ, 1989, p. 81.

recursos e oferecem uma educação de menor qualidade em comparação com as escolas particulares, que atendem principalmente a alunos brancos e alunas brancas e de classe média alta.

Estudos mostram que candidatos negros enfrentam discriminação no processo de contratação e têm menos oportunidades de promoção em comparação com seus colegas brancos. A diferença salarial entre brancos e negros e brancas e negras é significativa, refletindo uma disparidade no reconhecimento e valorização do trabalho. A mulher negra sofre ainda mais a disparidade existente, causando impactos evidentes nas famílias e consequentemente na juventude soteropolitana.

A violência policial e o sistema penal no Brasil frequentemente afetam desproporcionalmente a população negra. A discriminação racial pode resultar em práticas de policiamento mais agressivas e em uma maior probabilidade de encarceramento para pessoas negras.

Reconhecer a existência do racismo estrutural é o primeiro passo para enfrentá-lo. A educação e a conscientização sobre como o racismo se manifesta e afeta a sociedade são essenciais para promover mudanças.

É necessário revisar e reformar políticas e práticas institucionais para eliminar as desigualdades raciais. Isso inclui reformas no sistema de justiça, políticas de emprego, educação e saúde.

A escola é um reflexo da sociedade e os alunos têm um primeiro contato com um mundo social dentro da escola. É dentro da instituição educacional que se deparam com as diferenças, principalmente étnicas e culturais, e é dentro da sala de aula que se deve instruir os educandos e as educandas como se portar frente essas diferenças, que em nossa sociedade atual ainda não são respeitadas.

Todavia, no Brasil o racismo é tão agressivo que permeia ao longo do tempo, a história onde se construiu uma negação do negro como cidadão, ficando claro a existência da intolerância, até hoje ainda com um legado de instruir os educandos e as educandas como se portar frente a essas diferenças de forma submissa.

2.3 RACISMO NA BAHIA, EM SALVADOR: ASPECTOS CONTEXTUAIS

O racismo em Salvador, na Bahia, é um fenômeno que reflete a complexidade das relações raciais no Brasil, com nuances específicas que emergem do contexto histórico, cultural e social da cidade. A herança histórica em razão de Salvador ter sido uma das principais portas de entrada de africanos escravizados e africanas escravizadas durante o período colonial, moldou a cidade e suas dinâmicas sociais, resultando em uma forte presença da cultura afro-brasileira.

Salvador é um centro cultural da África e do Brasil, com manifestações como o candomblé, a capoeira e o axé. Essas expressões são vitais para a identidade da cidade, mas muitas vezes enfrentam estigmatização e preconceito. A população de Salvador é majoritariamente negra e parda. Essa diversidade é um componente essencial da identidade cultural da cidade, mas também expõe os desafios de desigualdade e discriminação racial.

O racismo está presente em instituições e políticas públicas, afetando o tratamento e o acesso de pessoas negras a serviços essenciais, como saúde e educação. Isso contribui para a marginalização social. Salvador é um local ativo para movimentos de luta contra o racismo. Organizações comunitárias, grupos de jovens e ativistas promovem a conscientização e a valorização da cultura afro-brasileira, além de lutar por direitos e igualdade. A educação é vista como uma ferramenta crucial na luta contra o racismo.

Apesar de a cultura afro-brasileira ser uma atração turística, o racismo pode ser invisibilizado ou romantizado, sem um reconhecimento adequado das lutas enfrentadas pela população negra.

Em Salvador, a discriminação racial se manifesta de diversas formas, afetando especialmente os e as jovens das escolas públicas que vivem em áreas periféricas. A segregação social e econômica, combinada com a violência urbana, cria um ambiente onde o preconceito racial se entrelaça com outras formas de desigualdade.

Conscientes da existência de diversos grupos étnicos no país e da presença do etnocentrismo e do racismo, as entidades negras da Bahia vem lutando para inserir nos currículos das escolas públicas disciplinas fundamentadas na história e na cultura do negro. E nesse sentido, as entidades negras

encaminharam Conselho ao Estadual de Educação, no ano de 1984 o seguinte documento:

Nós, entidades negras da cidade de Salvador e do estado, vimos através deste, solicitar a V. Exa. a inclusão no Currículo de 1º grau do nosso Sistema de Ensino, da disciplina “Introdução aos Estudos Africanos”, tendo em vista que:

1. A população de Salvador é constituída por um contingente majoritariamente de descendência africana;
2. O Brasil é uma sociedade pluricultural, por isso é necessário que seja estudada nas escolas a História das três raças constituintes da nação brasileira;
3. A ausência de estudo da história da cultura negra, nos currículos escolares, concorre para a falta de identidade cultural e consequentemente, a inferiorização do povo negro dos seus descendentes no Brasil;
4. Existe grande receptividade de expectativa da comunidade a todos os cursos sobre Estudos Africanos que são oferecidos por iniciativas dos movimentos negros e da Universidade através do CEAO traço Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia;
5. As relações político-econômico-culturais entre o Brasil e a África pressupõe um conhecimento mútuo da História e da Cultura entre as nações brasileiras e africana;

Temos ciência de que o CEAO enviou um ofício número 183/83 de 01.08.83 ao Conselho Estadual de Educação, solicitando também a inclusão da disciplina “Introdução aos Estudos Africanos”, o qual nós estamos referendando.

Desta forma, atendendo a reivindicação das entidades negras da Bahia conforme exposto no documento acima citado, o Conselho Estadual de Educação deu o seguinte parecer: Parecer CEE 089/85 Aprova a Introdução da disciplina “Introdução dos Estudos Africanos” na parte diversificada do 1º grau (8^{as}. séries) das escolas oficiais do Estado.¹⁹

Apesar da Lei, e do tempo de sua vigência, ainda há muito a fazer para ampliar a educação de qualidade e de consciência do papel cidadão do jovem de escola pública, de Salvador, Bahia, em especial no CEDMN. As escolas públicas nas áreas periféricas muitas vezes carecem de infraestrutura e recursos necessários para oferecer um ensino de qualidade, exacerbando a sensação de marginalização desses e dessas estudantes. Os discentes do CEDMN, porventura, encontram-se no centro da cidade de Salvador, área dita nobre, por contar com prédios de alto valor imobiliário, mas que, mesmo vindo da periferia em busca de espaço livre da violência, encontram resistência a sua presença também neste espaço, que tem que ser seu, mas que tentam expulsá-lo, sofrendo então outro tipo de dificuldade para sua inserção na sociedade, capitalista, segregadora.

¹⁹ CRUZ, 1989, p. 81-82.

A discriminação racial dentro das escolas pode se manifestar de várias maneiras. Estudantes negros e pardos, são frequentemente alvo de estereótipos negativos, o que pode afetar suas oportunidades acadêmicas e suas interações sociais. Além disso, o preconceito racial também se reflete nas relações entre alunos e professores, onde a valorização das culturas afro-brasileiras nem sempre é evidente.

A violência nas periferias contribui para um ambiente de insegurança que impacta diretamente a experiência educacional dos e das jovens. O medo da violência pode levar ao absenteísmo escolar e à dificuldade de concentração durante as aulas. Adicionalmente, a violência urbana é um reflexo das desigualdades sociais que perpetuam a discriminação racial.

Existem, cada vez mais, leis sendo elaboradas, para o combate das desigualdades e em busca de erradicação, ou pelo menos, minimização dos problemas relacionados às discriminações. Citarei algumas, para ilustrar a luta e enfrentamento, no Brasil e no Estado da Bahia e as políticas públicas, na atualidade:

A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), instituída pelo Decreto Presidencial nº 6040/2007 é fruto da mobilização deste segmento, com maior ênfase após o Brasil se tornar signatário da Convenção nº 169 da OIT. Nosso país assume que é pluriétnico e multicultural e que todo o direito em sua elaboração e aplicação encontra neste marco uma referência primordial.²⁰

Várias Leis existem para contribuir e proteger as minorias,

A partir da Constituição Federal de 1988, a temática racial se faz presente principalmente na criminalização do racismo, na valorização da diversidade cultural e no reconhecimento dos direitos territoriais das Comunidades Quilombolas. Também em 1988, foi criada a Fundação Cultural Palmares (FCP), um organismo federal voltado à promoção e a preservação da influência negra na sociedade brasileira.

Em 9 de janeiro de 2003, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei número 10.639 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), instituindo a obrigatoriedade do ensino de histórico e cultura afro-brasileira e africana nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, no sistema público e privado, atendendo a uma demanda antiga do movimento negro, sendo agregado um instrumento de promoção de igualdade racial e de enfrentamento às iniquidades raciais, principalmente para a construção de uma educação mais coerente com a história do país, incluindo a presença e a contribuição de povos africanos e seus valores civilizatórios no Brasil.

²⁰ BAHIA. **Plano Estadual de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Governo do Estado DA Bahia, 2016-2019. p. 12.

Em 21 de março de 2003 foi criada a Secretaria Especial de Políticas da Promoção da Igualdade Racial vinculada à Presidência da República, sendo esta mais um marco histórico de reconhecimento do Estado às lutas do movimento negro brasileiro e da necessidade de combater o racismo.

Em 7 de Fevereiro de 2007 foi instituída a política nacional de desenvolvimento sustentável de povos e comunidades tradicionais pelo decreto 6040. O decreto define os princípios, objetivos geral, objetivos específicos e os instrumentos de implantação da política e é o primeiro Marco legal que garante direitos e reconhece a diversidade de povos e comunidades tradicionais para além dos povos indígenas e comunidade quilombolas.

Em 10 de julho de 2010, foi promulgado por meio da lei 12.288, o Estatuto da Igualdade Racial, documento que compreende proposições de políticas públicas nos campos do direito à saúde, educação para diversidade e a valorização da cultura africana no Brasil. Também prevê a garantia de liberdade e das condições necessárias para o exercício das práticas tradicionais de matriz africana e a valorização pelos meios de comunicação dessa herança cultural.²¹

A educação para a cidadania e promoção da igualdade, a cultura para a valorização da diversidade e convivência com as diferenças é de fundamental importância, com a implementação de comunicação que valorize o ser humano, dentro da diversidade encontrada na sociedade.

O racismo em Salvador é um desafio persistente que requer uma abordagem multidimensional, envolvendo educação, políticas públicas, valorização cultural e mobilização social. Compreender esse contexto é essencial para promover a igualdade e a justiça racial na cidade.

2.4 AÇÕES DO PROJETO PARA VISIBILIZAÇÃO DE PERSONALIDADES NEGRAS

O e a discente deve reconhecer-se enquanto sujeito que participa nas decisões políticas, e como tal deve estar atento enquanto cidadão, aos acontecimentos no Mundo e no Brasil, em especial na Bahia, reconhecendo a História que contextualiza a sua realidade e por isso mesmo o Projeto Missa dos Quilombos, um olhar sobre o ontem e o hoje de racismo e outras discriminações, nos 200 anos de Independência da Bahia, no Brasil, é de fundamental importância, para fazê-lo entender o que acontece ao seu redor que lhe tira direitos, lhe

²¹ BAHIA, 2016-2019, p. 27-28.

discrimina e o torna vulnerável na sociedade, propiciando um futuro incerto e sem perspectivas.

Muitos jovens negros e negras, que frequentam escolas públicas, enfrentam desigualdades estruturais profundas, incluindo falta de recursos, infraestrutura inadequada, e sistemas educacionais que frequentemente não atendem às suas necessidades específicas. A falta de perspectivas de futuro pode ser exacerbada por uma combinação de fatores econômicos e sociais, como o desemprego, a violência e a falta de oportunidades educacionais e profissionais.

O sentimento de incerteza quanto ao futuro é um reflexo da modernidade líquida. Para jovens em situação de vulnerabilidade, a falta de estabilidade e a fluidez das promessas sociais de mobilidade podem intensificar o desamparo e a frustração.

A ideia de que o sucesso é um resultado apenas do esforço individual pode ser particularmente desalentadora para jovens que enfrentam barreiras estruturais significativas. A percepção de que o sucesso é possível apenas para alguns, pode acentuar a sensação de exclusão e de falta de controle sobre o próprio futuro.

Apesar das adversidades, muitos encontram força em suas comunidades e redes de apoio e o CEDMN deve ser um desses espaços encorajadores que deve desempenhar um papel crucial em oferecer oportunidades e incentivo. A cultura e a identidade afro-brasileira podem servir como fontes de resistência e resiliência. A valorização da cultura negra e das tradições pode proporcionar um sentido de identidade e pertença que ajuda os e as jovens a enfrentar os desafios.

O Projeto foi estruturante, muito importante para encorajar o jovem discente, a entender que o seu lugar de pertencimento precisa ser escolhido por ele, pois muitas vezes ele é desencorajado e se percebe despreparado e incapaz de escolher seu lugar na universidade e no mercado de trabalho, para ser bem remunerado e com profissão de destaque. O Projeto visou então, encorajá-lo a estudar, em tempos de violência e desesperança tendo como exemplos homens e mulheres da História da Bahia, para servir como parâmetros ancestrais, a exemplo de Irmã Dulce, hoje Santa Dulce dos Pobres, um dom para a Igreja, um dom para o Brasil, que continua arrastando a muitas pessoas, que se sentem impulsionadas a também se dedicarem aos mais necessitados, como exemplo de perseverança. As marcas do amor que a

senhora Irmã Dulce teve por Jesus Cristo, por causa dele, pelos pobres, ficaram nos corações de inúmeras pessoas que testemunham o privilégio de tê-la conhecido e trabalhado a seu lado. Milhares de pessoas, doentes e sofridas, batem às portas da Obra que ela deixou.

As atividades realizadas, analisando as músicas do álbum *Missa dos Quilombos*, de Milton Nascimento, Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra, foram trabalhadas, com pesquisas e debates sobre a vida de personalidades, principalmente baianas, mas também do Brasil, com grande representatividade na arte, na música, na política, enfim na sociedade, além de cada um da comunidade e a si mesmo, levando em consideração sua ancestralidade.

Algumas personalidades pretas e pardas estudadas, apresentadas e caracterizadas em cartazes, vestimentas e crachás pelos estudantes, dentre outras tantas que fizeram e fazem diferença e que servem de exemplo para a nossa vida, em razão de sua representatividade, estão:

Zumbi dos Palmares

Zumbi lidera Palmares, e expressa uma continuidade duradoura das origens africanas e de resistência dentro do coração colonial, escravista e opressor, transformando-se no maior representante da cultura afro-brasileira na história do Brasil. Palmares em si é a representação e a reafirmação da cultura e estilo de vida africano, é o contraste da cultura negra, frente à massiva e repressiva cultura branca vigente no período histórico. O quilombo é uma reação e Zumbi é o símbolo desta, bem como de imposição através da resistência, da luta em favor da liberdade. Sua figura se torna a chave para o declínio de um sistema de exploração do negro, que por mais que ainda perdure por alguns séculos, seu papel social e revolucionário é responsável por recuperar não só a dignidade negra, mas a dignidade humana. Zumbi não deve ser representado apenas como herói negro, pois a história mostra através da sua luta acima de tudo Por uma sociedade mais justa, a figura histórica de Zumbi dos Palmares como herói nacional.

Assim a temática de Zumbi dos Palmares é a chave para nos dias de hoje, dentro das salas, ser a ferramenta principal do combate ao racismo institucionalizado, servindo de exemplo para todos os educandos, não só os negros, como a figura histórica que teve como missão de vida combater o sistema segregacionista vigente, demonstrando com seu legado histórico que é possível a desestruturação do racismo através de ações.²²

Milton Nascimento

²² VADALA; Walter. **Zumbi dos Palmares**: por uma educação antirracista. Monstro dos Mares, Ponta Grossa-PR, Setembro de 2020. p. 45.

Milton Silva Campos do Nascimento nasceu no Rio de Janeiro (RJ) em 26 de outubro de 1942. Filho biológico da empregada doméstica Maria do Carmo Nascimento, foi adotado aos primeiros meses de vida pelo casal Josino Brito de Campos - bancário, professor de Matemática e técnico em eletrônica - e Lília Silva Campos - professora de música.

Desde a infância, é chamado carinhosamente por familiares e amigos pelo apelido “Bituca”. Aos dois anos de idade, mudou-se com os pais adotivos para Três Pontas (MG). Aos quatro, ganhou seu primeiro instrumento musical, uma sanfoninha de 2 baixos. Aos 13 anos, começou a cantar em conjuntos de baile, acompanhado pelo amigo Wagner Tiso. Ainda na adolescência, trabalhou como disc jôquei de rádio, em Três Pontas.

Em 1963, mudou-se para Belo Horizonte, onde conheceu alguns dos seus futuros parceiros de Clube, como Fernando Brant e os irmãos Márcio e Lô Borges. Em 1964, fez “Novena”, “Gira Girou” e “Crença”, as primeiras parcerias com Márcio. Dois anos depois, Elis Regina gravou sua composição “Canção do Sal”. Em 1967, seu padrinho musical, o cantor Agostinho dos Santos, inscreveu em segredo três de suas músicas no II Festival Internacional da Canção, no Rio de Janeiro.

Milton é premiado como melhor intérprete e ganha o segundo lugar com “Travessia”. Nesse mesmo ano, lança seu primeiro trabalho solo. Um ano depois, Eumir Deodato o leva para apresentar-se e gravar nos EUA o LP “Courage”, que incluía “Bridges”, versão em inglês de “Travessia”.

Em 1972 Milton gravou com seus amigos o álbum duplo “Clube da Esquina”, um dos discos mais seminais da MPB.²³

Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes (Irmã Dulce)

Dialogar, acolher, incluir e unir são atitudes que constroem pontes entre as mais diversas pessoas, compreendendo que o diferente não é antagônico mas, sim, complementar. Santa Dulce dos Pobres foi e continua sendo braços e corações abertos para acolher todos, reverenciando o sagrado que habita em cada pessoa. Na OSID devemos olhar para todos, seguindo o exemplo de sua fundadora, como nossos semelhantes que merecem nosso respeito e gentileza, independentemente da sua condição humana.

Santa Dulce dos Pobres nos deixou um grande ensinamento: não ficarmos alheios ao sofrimento do próximo; ao contrário, nos movermos na direção daquele que sofre. Na OSID (Obras Sociais Irmã Dulce), a compaixão se manifesta em ações que podemos praticar, por menores que sejam, e que tenham a capacidade de impactar positivamente a vida dos nossos colegas.

Uma das características mais marcantes na personalidade de Santa Dulce dos Pobres é que ela sabia pedir e agradecer. Ela fez uma gestão pautada nestas duas pilastras: o pedido e a gratidão. Não reclamava, mas conseguia enxergar, em todos os momentos, inclusive nos piores, a condução do Bem. Olhava tudo como dom, sobretudo, as pessoas que com ela abraçaram o propósito de Amar e Servir. A OSID, hoje, é uma das maiores filantropias do país, que atua na área da saúde, educação, assistência social e do espiritual. É importante sermos gratos por este legado e por todos aqueles que o mantêm vivo.²⁴

Maria Quitéria de Jesus

²³ BORGES, Márcio. **Clube da Esquina, 40 anos**. Belo Horizonte: Associação dos Amigos do Museu Clube da Esquina, 2012. p. 68.

²⁴ OSID. **Dulcíssimo**: o jeito Dulce de pensar, ser e agir. Cartilha Impressa, OSID, março 2024.

Na defesa da barra do Paraguaçu, um soldado do batalhão Voluntários do Príncipe chamou atenção por sua bravura, esse soldado era Maria Quitéria de Jesus. Mulher que assumiu uma identidade masculina para lutar a favor do Brasil. A coragem de Maria Quitéria influenciou outras mulheres que se uniram sob sua liderança e decidiram lutar em prol da causa do Brasil. Essa resistência colaborou com a projeção de Maria Quitéria como uma das heroínas na guerra da Independência da Bahia.²⁵

Maria Felipa

Maria Felipa foi uma mulher negra, marisqueira que liderou o grupo das vedetas. Mulheres que estrategicamente, atraiu os vigias dos navios portugueses com a intenção de afastá-los das embarcações. Longe de seus postos, os homens foram surrados com galhos de cansaço, planta parecida com a urtiga, era venenosa e provocava queimadura grave na pele, ardência e muita dor. Com esse plano, Maria Felipa e o grupo de mulheres conseguiram incendiar dois navios portugueses.

Diante de tamanha resistência, o Exército português não resistiu e bateu em retirada. Ficava registrado mais um triunfo dos brasileiros na batalha.²⁶

Joana Angélica de Jesus

No dia 19 de fevereiro as tropas portuguesas atacaram o Forte de São Pedro, onde estavam os oficiais e soldados brasileiros das tropas regulares e da milícia. Atacaram também o quartel da Mouraria e da Palma, vizinho do Convento da Lapa. Foi durante o ataque ao quartel que os soldados e marinheiros portugueses ao forçar a entrada no Claustro das religiosas, feriram mortalmente a abadessa sóror Joana Angélica. O Padre Daniel Nunes da Silva Lisboa, que era Capelão do Convento também foi atingido com pancadas de arma.²⁷

Maria da Penha,

Maria da Penha foi vítima de dupla tentativa de feminicídio por parte de seu então marido no ano de 1983. Foram mais de 20 (vinte) anos de luta para que ele fosse responsabilizado. E, diante da situação de impunidade e com o apoio de milhares de mulheres que foram vítimas de violência, o caso foi denunciado à Comissão Interamericana de Direitos Humanos, que responsabilizou o Estado brasileiro por negligência, omissão e tolerância em relação à violência doméstica praticada contra as mulheres brasileiras e recomendou que o governo do Brasil tomasse providências no sentido de proteger as mulheres de seu país contra esse tipo de violência.

Assim, a Lei Maria da Penha surgiu como instrumento para coibir a violação dos direitos das mulheres e responsabilizar todos aqueles que praticam tais violações. Além disso, a lei visa promover a desconstrução da cultura machista através de ações educativas de conscientização e de

²⁵ BAHIA. Memórias de Lutas e Liberdade - 200 anos de Independência. **Cartilha Bahia**, Fundação Pedro Calmon, Governo do Estado da Bahia, 2023. p. 18.

²⁶ BAHIA, 2023, p. 19.

²⁷ BAHIA, 2023, p. 15.

fortalecimento da rede de apoio às vítimas. Entretanto, infelizmente ainda é muito comum que as mulheres tenham seus direitos violados.²⁸

²⁸ CARTILHA DA MULHER. **Lei Maria da Penha**. Defensoria por elas. DPE, NUGEN, dezembro de 2020. p. 4.

3 A DIVERSIDADE RELIGIOSA EM SALVADOR, BAHIA, APORTES PARA A REFLEXÃO SOBRE A TEOLOGIA NEGRA, A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A EXUNÊUTICA

A diversidade religiosa em Salvador, Bahia, é um fenômeno rico e multifacetado, refletindo a influência de diversas tradições, especialmente as africanas, indígenas e cristãs. Essa pluralidade proporciona um terreno fértil para a reflexão sobre a Teologia Negra, a Teologia da Libertação e a exegese (ou Exunêutica), cada uma contribuindo para a compreensão das questões de justiça social, identidade e resistência.

A diversidade religiosa em Salvador, imprime a realidade de seu povo a partir de suas crenças, mas que ainda assim, exprime a intolerância, fruto da opressão discriminatória implementada pelo colonialismo e que se perpetua até os dias atuais.

São expressões de fé e religiosidade em Salvador, o Candomblé e a Umbanda, religiões afro-brasileiras que desempenham um papel central na cultura da cidade. O Candomblé, em particular, é uma expressão da espiritualidade africana que mantém viva as tradições e rituais ancestrais. No cristianismo, Salvador conta com uma forte presença católica e evangélica. Na espiritualidade indígena, que com práticas e crenças indígenas, embora menos visíveis, também fazem parte do mosaico religioso da Bahia.

Salvador também é um espaço de diálogo e, por vezes, de conflito entre as diversas tradições religiosas e a Teologia Negra surge como uma resposta às injustiças e opressões enfrentadas pela população negra. Ela busca reinterpretar as Escrituras e as tradições cristãs à luz das experiências de luta e resistência dos negros. Em Salvador, a Teologia Negra está interligada com as práticas de Candomblé, promovendo um diálogo entre as tradições africanas e o cristianismo, enfatizando a dignidade e a espiritualidade do povo negro.

A Teologia da Libertação, desenvolvida principalmente na América Latina, propõe que a fé deve estar ativamente engajada na luta contra as injustiças sociais e na busca por uma sociedade mais justa. Em Salvador, essa teologia encontra

ressonância nas comunidades afro-brasileiras, que veem a luta por direitos e igualdade como parte de sua prática religiosa e espiritual.

A Exunêutica, tão importante para ser conhecida pelo estudante, é um termo menos comum, que pode referir a uma abordagem de interpretação que leva em consideração o contexto cultural e histórico do povo preto. Surge, no meu entendimento, como um contraponto à hermenêutica cristã branca.

Tem-se, então, como aportes para reflexão, a interculturalidade, a identidade e resistência e a justiça social, para o combate à intolerância religiosa.

A opressão sofrida pelo negro, o apagamento de sua história fazem a necessidade da discussão sobre a identidade maculada e que precisa ser enaltecida e respeitada.

O projeto integrador pretendeu cumprir junto aos jovens estudantes, fazer essa leitura crítica, didática e atual, para o entendimento de que não se pode mais deixar a opressão imperar absoluta e que somente com a consciência coletiva, com leis severas essas práticas nefastas poderão mudar.

3.1 DIVERSIDADE RELIGIOSA E RACISMO NO CONTEXTO DE SALVADOR, NA BAHIA

Na Bahia, em especial em Salvador, a luta por reparação social segue em vários segmentos. Quanto à intolerância religiosa se buscou seguir a história do Brasil, da Bahia, da ausência de discussão e bibliografia nos currículos planejados sobre a própria história de seu povo, rica na participação popular, do sentido e sentimento da ancestralidade desses que desconhecem sua árvore genealógica, sua força e seu poder.

A discriminação racial se manifesta de diversas formas em Salvador, afetando especialmente os jovens das escolas públicas que vivem em áreas periféricas. A segregação social e econômica, combinada com a violência urbana, o aumento da influência dos grupos milicianos e o tráfico de drogas, cria um ambiente onde o preconceito racial se entrelaça com outras formas de desigualdade historicamente vivenciada e perpetuada.

Os jovens que residem nas periferias de Salvador frequentemente enfrentam um duplo desafio: a violência cotidiana e a falta de recursos educacionais adequados. As escolas públicas nas áreas periféricas muitas vezes carecem de infraestrutura e recursos necessários para oferecer um ensino de qualidade, exacerbando a sensação de marginalização desses alunos e dessas alunas, que sem o debate que os e as prepare para sua própria defesa, continuam excluindo-os e excluindo-as.

O colonialismo e a escravidão deram margem à solidificação da desigualdade e segregação e até hoje se expressam claramente nas ruas do Brasil, em especial em Salvador, como algo culturalmente aceito e pouco debatido, definindo os bairros separados e definidos, entre ricos brancos e pobres pretos como sempre foram, com poucas mudanças.

A segregação racial, social e de gênero continuam e perpassam pelas expressões de fé e religiosidade de seu povo. A intolerância religiosa demonstra claramente essa realidade e na Bahia não é diferente. Aos estudantes do CEDMN (Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes) foi dada a oportunidade de enfrentar essa discussão, trazendo para o projeto integrador, o momento de vivenciá-la.

Diante da diversidade religiosa em Salvador, na Bahia e as discriminações, têm-se definido:

Intolerância religiosa - toda distinção, exclusão, restrição ou preferência incluindo-se qualquer manifestação individual, coletiva ou institucional de conteúdo depreciativo, baseado em religião, concepção religiosa, credo e profissão de fé, com peculiaridades rituais ou litúrgicas e que provoca danos morais, materiais ou imateriais. Quanto aos símbolos e valores das religiões afro-brasileiras, é capaz de fomentar ódio religioso ou menosprezo às religiões e seus adeptos. Lei nº 13.182/ 2014, artigo 2º, inciso VII.²⁹

Desigualdade de gênero e Raça - assimetria existente no âmbito da sociedade que acentua a distância social entre mulheres negras e os demais segmentos sociais. Lei nº 13.182/2014, Artigo 2º, Inciso IX;

Racismo Institucional - ações ou omissões sistêmicas caracterizadas por normas, práticas, critérios e padrões formais e não formais de diagnóstico e atendimento de natureza organizacional e institucional, pública e privada, resultantes de preconceitos ou estereótipos, que resulta em discriminação e ausência de efetividade em prover e ofertar atividades e serviços qualificados às pessoas em função de sua raça, cor, ascendência, cultura, religião, origem racial ou étnica. Lei nº 13.182/2014/ Artigo 2º, Inciso V;³⁷

²⁹ BAHIA, 2016-2019, p. 25.

Segundo Bruno Monteiro (Secretário de Cultura do Governo do Estado da Bahia, nos 200 anos de Independência da Bahia):

Bicentenário da Terra da Liberdade

O grito da Independência, no dia 7 de setembro de 1822, não tornou o nosso país livre. Somente 10 meses depois, há exatos 200 anos, após a batalha travada em solo baiano, que as últimas tropas portuguesas bateram em retirada. E o Brasil, finalmente, conquistou sua verdadeira independência. As lutas foram lideradas por mulheres, indígenas, caboclos e caboclas que, historicamente, foram aliados dos processos mais decisivos da história.

Passados dois séculos, essa história não perdeu relação com a atualidade. Nossas lutas cotidianas seguem sendo travadas pelo povo, que não se curva diante das tiranias e despotismos. Em 2023, o Governo do Estado da Bahia apresenta uma série de políticas que reafirmam a Bahia como Terra da Liberdade. A rota “Bahia: Memórias de Lutas e Liberdade”, em 16 municípios, acontece com celebrações cívicas, culturais, históricas e educativas que resgatam o pertencimento de cada uma dessas localidades sobre a sua importância para a conquista da Independência. A programação envolve aulas públicas, seminários, atos institucionais, apresentações artísticas e a inauguração de um marco histórico em cada cidade, explicando o que aconteceu ali e o quanto isso contribuiu para a nossa liberdade.

Consideramos todo esse conjunto de ações essenciais para o empoderamento da nossa gente diante dos desafios atuais. Quando falamos da independência do Brasil na Bahia, estamos com o espírito de um pertencimento do estado como um todo. É uma história de luta e de empoderamento e celebração do povo baiano. Se há 200 anos a luta foi por liberdade, hoje seguimos lutando por cidadania, por direitos e por democracia.

Almejamos que, com esse mergulho histórico, muitas e muitos se inspirem na determinação e bravura de Maria Quitéria, Maria Felipa, Joana Angélica, caboclos, negros, indígenas, pescadores, marisqueiras, religiosos e tanta gente corajosa para que sigamos construindo, coletivamente, uma Bahia e um Brasil de liberdade.³⁰

Segundo Cristiane Silva Conceição, Historiadora,

2 de julho - 200 anos de Independência do Brasil na Bahia

O Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia é um convite para refletirmos sobre a importância da preservação e manutenção da História regional, que por muitos anos foi negligenciada pela História nacional, dita oficial.

A Independência do Brasil, que é comemorada no dia 7 de setembro de 1822, manteve por muito tempo um silenciamento em relação à participação da Bahia no processo de emancipação política do Brasil. Isso fica evidente quando nos deparamos com narrativas sobre o 7 de setembro de 1822, manteve por muito tempo um silenciamento em relação à participação da Bahia no processo de emancipação política do Brasil. Isso fica evidente quando nos deparamos com narrativas sobre o 7 de setembro que ainda

³⁰ BAHIA. **Memórias de lutas e liberdade**. Fundação Pedro Calmon, Secretaria de Cultura, Governo do Estado da Bahia, 2023. p. 3.

exaltam os atos que foram realizados, sob pressão, pelo Príncipe Regente: D. Pedro. Porém, esses atos não dão conta de todas as fases que envolveram o processo de independência do Brasil.

Reproduzir a História oficial ou parte dela é se negar a romper com padrões de uma História narrada pelos vencedores, que negligencia a importância da memória, em especial as memórias coletivas que foram construídas ao longo das lutas pela independência do Brasil pelo povo (indígenas, negros libertos, negros escravizados, mulheres e homens pobres) que, em sua maioria, foram excluídos do projeto de nação e tiveram o direito a cidadania cerceadas por uma elite branca que pretendia se manter absoluta no poder.

O relato oral dos participantes e coadjuvantes da luta, nos fez resgatar personagens que foram apagados dos registros oficiais, mas que tiveram participação significativa na vitória do Brasil contra os portugueses na Guerra da Bahia. Personagens como Maria Felipa é um exemplo de como o apego ao que está registrado pode interferir na criação da memória em torno de um tema tão importante.

Além de Maria Felipa, a participação dos povos como os escravizados, negros libertos e mulheres interferem diretamente na construção da identidade do povo brasileiro. e a narrativa sobre a independência do Brasil precisa envolver todos os indivíduos que nos ajudam a construir uma nova história a partir do relato e das trajetórias dos debaixo.

Esse texto narra de forma breve, como a Bahia se envolveu diretamente no conflito que levou a guerra de Independência do Brasil na Bahia, e como os baianos lutaram bravamente colocando fim ao jugo português sobre o Brasil.³¹

Enfatizar a presença baiana na História da Independência do Brasil tende a refletir sobre o apagamento da memória e presença do povo que constrói a história e diante do cotidiano e da realidade vivenciada. Discriminar dessa forma é uma maneira clara e evidente de exclusão social, criando um “*apartheid*” racial, cultural, social e religioso, contra o povo negro empobrecido neste mundo capitalista branco.

Em Salvador, capital da Bahia, cidade rica em diversidade religiosa, refletindo a herança multicultural e a história do Brasil, a convivência entre diferentes segmentos religiosos é marcada por um grau significativo de respeito mútuo, que é um reflexo da convivência harmoniosa que caracteriza a cidade, embora os ataques às religiões de matriz africana, refletem um problema complexo e multifacetado, enraizado em questões históricas, sociais e culturais. Apesar da rica diversidade religiosa da cidade e do Brasil, as religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, enfrentam preconceito e discriminação.

Entre os segmentos religiosos cristãos, em Salvador e o contexto do respeito entre eles, destaca-se o catolicismo presente desde a colonização do Brasil. A

³¹ BAHIA, 2023, p. 89.

cidade é conhecida por suas igrejas históricas, como a Igreja de São Francisco e a Catedral Basílica, com várias paróquias e atividades religiosas que influenciam a vida comunitária e cultural do povo soteropolitano.

O protestantismo está presente em Salvador, com igrejas evangélicas, batistas, presbiterianas e pentecostais. Nos últimos anos, o protestantismo evangélico tem crescido em influência na sociedade, além da presença do espiritismo, com vários espaços de religiosidade.

O candomblé, que é uma das religiões de matriz africana mais evidentes em Salvador, é desenvolvido a partir das tradições e crenças africanas trazidas pelos escravizados.

Os africanos, em busca de sua sobrevivência cultural, tomaram a iniciativa. Interpretaram santos católicos escolhidos a dedo, trazendo-os para o universo das forças vitais onipresentes, estruturado da vida e do cosmo. Assim, mais do que uma cristianização de Oxóssi, o que tivemos foi uma oxossização de São Jorge. Uma africanização do catolicismo. De qualquer sorte, há coisas que pedem comentário. A primeira é a tese de que o sincretismo nunca passou de máscara ou disfarce, fachada católica sob a qual os negros escravizados puderam cultuar seus deuses. A segunda é o “mito de pureza” que envolve e alimenta alguns templos de candomblé. [...]. A tese do sincretismo religioso como disfarce me parece esquemática, redutora. Quando nada, por sua incapacidade para explicar como, a máscara se confundiu com o rosto.³²

No dia a dia da cidade, o respeito mútuo entre os diferentes segmentos religiosos é incentivado por meio de diálogos inter-religiosos e eventos comunitários que promovem a compreensão e a colaboração entre as diversas tradições religiosas. As festas e celebrações, como o Carnaval e a Festa de Iemanjá, muitas vezes incorporam elementos de diversas religiões, refletindo a coexistência harmoniosa e o respeito pelas práticas e crenças dos outros. O respeito mútuo é também promovido através de iniciativas educacionais e culturais que buscam ensinar sobre a diversidade religiosa e promover a tolerância e o entendimento entre diferentes grupos.

Apesar de todo trabalho de combate à intolerância religiosa, a história mostra que durante o período colonial e a escravidão, as práticas religiosas africanas foram sistematicamente marginalizadas e reprimidas pelos colonizadores europeus e pela Igreja Católica. Os africanos escravizados foram forçados a adaptar

³² OI KABUM. Festas Populares de Salvador. **Guia do Educador**, Bahia, 2010. p. 15-16.

suas tradições às normas do cristianismo dominante, levando ao sincretismo religioso. Durante o período imperial e a República, houve legislações e políticas que tentaram suprimir as religiões afro-brasileiras. Essas práticas resultaram na persistência de preconceitos que perduraram ao longo do tempo. As religiões de matriz africana frequentemente enfrentam estigmatização por serem vistas como “exóticas” ou “diferentes” por setores conservadores da sociedade.

Há registros de ataques aos terreiros de Candomblé e Umbanda, incluindo vandalismo, incêndios criminosos e outras formas de violência física. Esses ataques são muitas vezes motivados por intolerância religiosa e xenofobia. Imagens sagradas e objetos religiosos são destruídos ou vandalizados, o que simboliza a tentativa de desrespeitar e enfraquecer a prática religiosa.

Líderes e praticantes de religiões afro-brasileiras sofrem discriminação social e estigmatização em suas comunidades, afetando sua capacidade de praticar sua fé abertamente. Exemplo desse fato foi a morte Mãe Bernadete, uma importante líder espiritual, ialorixá, ativista e líder quilombola, conhecida por seu trabalho na preservação e promoção das tradições afro-brasileiras, que foi assassinada em 16 de julho de 2022. Sua morte foi uma grande perda para a comunidade religiosa afro-brasileira e para a sociedade como um todo.

Os ataques e a discriminação contra as religiões de matriz africana em Salvador e no Brasil refletem uma questão complexa de intolerância religiosa que tem raízes profundas na história e na cultura. No entanto, há esforços contínuos para combater essas práticas e promover um ambiente de respeito e coexistência pacífica. Medidas de educação, proteção legal e diálogo inter-religioso são essenciais para construir uma sociedade mais inclusiva e justa para todos.

3.2 ASPECTOS DE UMA TEOLOGIA NEGRA DA LIBERTAÇÃO À BRASILEIRA

Radical, James Cone definiu o objetivo da Teologia Negra como sendo a libertação da brancura:

Esta é uma Teologia da Libertação Negra, do povo negro da comunidade negra, que está para além da Comunidade afro-americana.³³

A Teologia Cristã é a Teologia da Libertação. Trata-se de um estudo racional, relacionado ao ser de Deus no mundo sobre a luz da condição existencial de uma comunidade oprimida, relacionando as forças da libertação à essência do evangelho que é Jesus Cristo. Isso significa que a única razão para sua existência é decodificar o significado da atividade de Deus no mundo, de forma que a comunidade das pessoas oprimidas reconheça seu impulso interior para a libertação. Não só isso está de acordo com o evangelho, como é o evangelho de Jesus Cristo. Não é possível haver a teologia Cristã que não se identifique completamente com aquelas pessoas que são humilhadas e maltratadas. Na realidade a teologia deixa de ser uma teologia do Evangelho quando não surge da comunidade dos oprimidos.³⁴

Cone deixou evidente em sua obra, que era impossível confrontar uma sociedade racista sem ao menos, ao mesmo tempo, desafiar a estrutura e todas as suas instituições, especialmente as igrejas estabelecidas.

Vivemos em uma nação comprometida com a perpetuação da supremacia branca que tentará exterminar todos aqueles que não apoiarem esse ideal. Desta equação se resulta o óbvio: A Teologia Negra representa a comunidade negra que se recusa a cooperar como a exaltação da branquitude degradação da negritude.³⁵

A compreensão de que várias igrejas e suas ideologias seguem sendo racistas, reproduzem e fomentam práticas e concepções racistas que podem ser comunicadas sem eufemismos.³⁶

Contrariando a visão de muitos conservadores, a Bíblia é uma representação valiosa que revela Deus em Jesus, mas não possui uma interpretação intrínseca e autoexplicativa. Isso nos coloca diante de uma realidade existencial de liberdade, onde a responsabilidade de tomar decisões, sem um guia ético definitivo, recai sobre nós. Esse é o risco da fé. A igreja cristã, muitas vezes, limita a leitura e interpretação bíblica a um conservadorismo que aprisiona, sufocando o amor sob uma hermenêutica eurocêntrica e impondo subserviência e opressão ao povo negro.

Para os teólogos negros, Deus está ativamente presente na comunidade negra, defendendo aqueles que são vítimas da opressão branca. Em contrapartida, os opressores frequentemente negam essa verdade dentro de um contexto sociopolítico sustentado por suas próprias mentiras. Assim, a teologia negra é

³³ CONE, 1989, p. 18

³⁴ CONE, 1989, p. 53.

³⁵ CONE, 1989, p. 18.

³⁶ CONE, 1989, p. 19.

muitas vezes mal interpretada como um “racismo reverso” por alguns brancos, especialmente entre certos teólogos. O radicalismo e o fundamentalismo, tão presentes atualmente, precisam ser enfrentados com argumentação fundamentada e conhecimento crítico.

James Cone argumenta que o racismo é uma doença que corrompe a moralidade e distorce a inteligência. Este mal não se limita apenas à sociedade americana e suas igrejas, mas também se manifesta entre teólogos brancos que perpetuam o racismo ao definir o evangelho e a teologia. Esses teólogos, responsáveis pelo mal do racismo, tentam também decidir se a intolerância é um tema legítimo para a teologia sistemática.

O racismo e porque não dizer, também a misoginia apresentada pela supremacia branca, patriarcal e contínua, são problemas que destroem a família e a sociedade, impossibilitando que as pessoas criem uma sociedade democrática.

As classes dominadas só conseguirão se expressar plenamente quando assumirem o controle de sua própria história e romperem com o sistema opressivo que as subjuga. Através da prática revolucionária, lideranças críticas e atentas ajudam essas classes a reivindicar seu espaço e a entender as verdadeiras razões por trás de seu silêncio anterior. Isso revela a natureza política da Teologia negra nos Estados Unidos e da Teologia da libertação na América Latina.

Tanto a teologia branca quanto a teologia negra buscam fomentar ações políticas, mas isso não significa que sejam aberrações da pureza teológica. Uma teologia branca pode ser tão política quanto a teologia negra ou a teologia da libertação. No entanto, enquanto a orientação política da teologia negra é evidente, a teologia branca frequentemente tenta ocultar suas inclinações políticas, defendendo os interesses da classe dominante. Mesmo que simule neutralidade, a teologia branca busca negar as diferenças entre as classes sociais e suas respectivas lutas. Dessa forma, seu empenho pelo bem-estar se reduz a um reformismo que apenas reforça o status quo.

Em uma sociedade em que as pessoas são oprimidas porque são discriminadas por ser negras, a teologia cristã de Cone, deve ser conhecida, principalmente pelos oprimidos negros, pois é uma teologia que se identifica

completamente com os objetivos das pessoas oprimidas e busca interpretar o caráter divino de sua luta pela libertação, compreendendo a libertação como respeito, dignidade, reconhecimento social, educação, oportunidades e lugares nos melhores postos de emprego e salários.

Os brancos devem fazer uma análise intelectual, e os negros devem compreender a teologia negra como uma compreensão autêntica da sua existência do mundo. Não haverá paz no mundo, enquanto ele estiver dividido como base na cor da pele. Devemos praticar a teologia enfatizando o que é a opressão humana quando expressa na raça, percebendo Deus como Pai e a humanidade como irmãos. Deve-se compreender que embora Deus seja o assunto-alvo da teologia, Ele não pratica teologia e sim os seres humanos, que a inventaram. A teologia dos brancos pratica a perversidade com os negros, sendo então necessária a teologia da libertação negra.

Os e as estudantes precisam conhecer as fontes da teologia negra para obter a consciência de ser e se defender, tomando decisões sobre si mesmas. Essas fontes são:

1. A experiência negra, vivida em humilhação e sofrimento, analisando na teologia negra o que Jesus significa quando são confrontadas pela brutalidade do racismo branco. Toda a opressão passa pela falta de oportunidades, pelas mortes, pelo submundo, pelo analfabetismo, impressos pela sociedade branca, racista e oportunista.
2. A história negra fala sobre como as pessoas negras foram trazidas para os Estados Unidos e o tratamento que foi dado a elas. Isso não quer dizer que somente as pessoas brancas nos Estados Unidos participaram da institucionalização da escravidão. No entanto, havia algo único relacionado à escravidão nos Estados Unidos que traz a tentativa da branquitude de definir as pessoas negras como não sendo pessoas.
3. A cultura negra está relacionada à experiência e à história negra, o que eles sentem quando tentam criar uma existência em uma sociedade branca desumana. É sua dor e a alegria de reagir e afirmar a negritude.

A teologia negra deve levar a sério as expressões culturais da comunidade que representa, assim, será capaz de falar com relevância sobre a condição

das pessoas negras. Obviamente, a teologia negra está ciente quanto ao perigo de colocar a palavra dos seres humanos como se fosse a palavra de Deus, Perigo sobre o qual Karl Barth adverte com veemência na segunda década deste século: “A forma crê em sua capacidade de ocupar o lugar do conteúdo [...] O homem tomou posse do divino; ele colocou [Deus] sob seu controle”.³⁷

4. Revelação. Não se pode dizer a ordem mais importante, para classificar se essa argumentação pode ser a primeira, para alguns religiosos influenciados pelas teologias protestantes do século XX, mas que seja compreensível a partir da perspectiva da teologia negra com o conhecimento na experiência, história e comunidade negras.

Para a fé cristã, a revelação é um evento, um acontecimento na história humana. É a autorrevelação de Deus por meio de um ato histórico de libertação humana. Revelação é o que Yahweh fez no acontecimento do Êxodo; É Yahweh extinguindo ordens antigas e estabelecendo outras novas. No decorrer de toda história de Israel, conhecer a Deus é saber o que Ele está fazendo na história em favor dos oprimidos da terra.³⁸

5. As Escrituras Sagradas. A teologia negra é teologia bíblica no discurso teológico.

Na realidade, é o testemunho bíblico que diz que Deus é um Deus da libertação, que fala aos oprimidos e explorados, assegurando-lhes que a justiça divina reivindicará o seu sofrimento. É a Bíblia que nos diz que Deus se tornou homem em Jesus Cristo para que o reino de Deus tornasse a liberdade uma realidade para todos os seres humanos. Este é o significado da ressurreição de Jesus. O ser humano não tem mais que ser escravo de ninguém e deve se rebelar contra todos os principados e potestades que transformam a existência humana em sub-humana. É por isso que a teologia negra é afirmada como análise do século XX sobre a obra de Deus no mundo.

Entretanto, não devemos concluir que a partir disto, que a Bíblia é um testemunho infalível. Deus não foi o autor da Bíblia, tão pouco seus escritores eram meros escritores. O empenho para provar inspiração verbal das Escrituras é resultado da incapacidade de entender o verdadeiro significado da mensagem bíblica: a libertação humana!³⁹

6. Tradição: A teologia negra destaca a importância da tradição, focando primeiramente na história da Igreja negra nos Estados Unidos e, em segundo lugar, no cristianismo ocidental branco. Acredita-se que o Evangelho cristão autêntico, conforme expresso no Novo Testamento,

³⁷ CONE, 2020, p. 86.

³⁸ CONE, 2020, p. 88.

³⁹ CONE, 2020, p. 90.

manifesta-se de forma mais genuína na igreja negra pré-guerra civil do que em sua contraparte branca.

Seguindo para a América Latina, com a dizimação dos índios e a escravidão negra, então, teriam espanhóis e portugueses evangelizados, comunicando que Cristo fez na cruz e ressurreição e que estaria disposto e a favor da vida dos latino-americanos?

A história do Brasil e de sua evangelização começaram com a história de Portugal e não se conseguirão entender o tipo de cristianismo que para cá foi trazido a não ser, principalmente acerca do papel do catolicismo na constituição do estado português.⁴⁰

As colônias portuguesas foram patrimônio da ordem de Cristo, onde a Igreja Católica se tornou parte do projeto colonialista português. “Mesmo que não tenham sido os primeiros missionários a chegar no Brasil, certamente os Jesuítas foram os que mais marcaram a experiência religiosa no decorrer do Brasil colonial”.⁴¹

Daí faz-se necessário que tenhamos que provocar a busca pelo conhecimento da nossa história e participar das lutas por seus pares. Por meio da prática revolucionária, com liderança crítica e atenta, as classes dominadas tem que conhecer o seu mundo, descobrindo assim as verdadeiras razões do seu silêncio internacional. Por isso temos a natureza claramente política da teologia negra nos Estados Unidos e da Teologia da Libertação na América Latina.

Jesus Cristo é a questão da Teologia Negra porque ele é o conteúdo das esperanças e sonhos do povo negro. Ele foi escolhido por nossos avós, que viram na sua presença libertadora que ele os havia escolhido e assim se tornou o fundamento da sua luta pela liberdade. Ele era a verdade deles, permitindo-lhes saber que as definições brancas da humanidade negra eram mentiras. Quando o seu caminho ficou distorcido e sem sentido, falaram a Jesus sobre isso. Ele levantou seus fardos e aliviou sua dor, concedendo-lhes assim uma visão de liberdade que transcendia as limitações históricas.⁴²

Entender o processo histórico e ensinar faz a sociedade ser mais justa e igualitária, liberta pelo conhecimento, quanto a uma analogia teológica, política e científica. Surgindo na Faculdades Est, no mestrado acadêmico em aula do Prof. Dr. Flávio Schmitt, na disciplina Hermenêutica, uma discussão e uma interpretação afro-

⁴⁰ FLUCK, 2013, p. 29.

⁴¹ FLUCK, 2013, p. 31.

⁴² FLUCK, 2013, p. 31.

religiosa, de Hendrix A. A. Silveira, de grande contribuição à discussão acerca dos e das discentes do Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes, analisamos:

Logo pensamos num neologismo formado pela fusão do nome Exu (Èṣù), a divindade yorùbá que é o mensageiro dos Òrìṣà, dono da fala e consequentemente da interpretação, com a palavra hermenêutica, de origem grega que estudiosos alegam ter origem em Hermes o mensageiros dos deuses gregos, dono da fala e consequentemente da interpretação.

A criação desse neologismo vai ao encontro do reconhecimento da autonomia da diversidade cultural mundial, mas sobretudo do reconhecimento da legitimidade das religiões de matriz africana diante de outras tradições religiosas colocando-as lado a lado como formas legítimas de busca humana ao seu Criador.⁴³

Essa perspectiva de estudo é um norteador para a clientela estudantil com a qual me deparo todos os dias e que necessita de orientação para uma libertação social, histórica, política e humana, entendendo que

A Exunêutica é a forma filosófica africana de interpretação, alicerçados na afroteologia, que lhe garante uma visão de mundo centrada no esforço de reflexão teológica sobre a religião de matriz africana. Busca na afrocentricidade, na negritude e no pan-africanismo a noção de localização das formas de ver o mundo e de se ver no mundo, dando voz às formas africanas de questionamento, concepção e reflexão. É a experiência africana que proporciona a exunêutica.

Fora da África, a exunêutica pode contribuir no contexto das lutas sociais dos povos afro-diaspóricos, ao nos proporcionar uma leitura advinda da periferia, dos subvalorizados, daqueles que tiveram suas vozes caladas por séculos.⁴⁴

As religiões de matriz africana, com seus deuses e práticas, oferecem uma espiritualidade rica e diversa que difere do cristianismo. Na Bahia, essa diversidade religiosa é evidente e muitos negros têm o direito de adorar suas divindades sem medo de perseguições. O sincretismo religioso, que muitas vezes é mal interpretado, revela uma intersecção entre as tradições africanas e o catolicismo, mas é fundamental reconhecer a autonomia e a importância das crenças africanas. Desmistificar esse sincretismo é essencial para valorizar e respeitar a espiritualidade afro-brasileira em sua essência, promovendo um diálogo mais profundo entre as tradições.

⁴³ SILVEIRA, Hendrix A. A. Exunêutica: construindo paradigmas para uma interpretação Afro-Religiosa. **Disciplina Hermenêutica Docente**. Dr. Flávio Schmitt, Semestre: 2012/2, Mestrado Acadêmico, Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, 2012. p. 2.

⁴⁴ SILVEIRA, 2012, p. 2.

É necessário esse entendimento histórico que deve ser desenvolvido nas escolas, para posicionamento de enfrentamento consciente na preservação das variadas culturas e crenças e empoderamento libertário da classe oprimida, que estuda nas escolas públicas, no estado essencialmente negro, fora da África, que é o estado da Bahia. O conhecimento e a divulgação desses estudos desenvolvidos por tantos ativistas negros, faz-se necessário cada vez mais, sendo então, um caminho sem volta.

Os aportes para a reflexão passam pela interculturalidade, como interação entre diferentes tradições religiosas em Salvador, que oferece um campo de estudo valioso sobre como a fé e que pode ser um agente de transformação social, a identidade e resistência, com reflexão sobre a Teologia Negra e a Teologia da Libertação em contextos de diversidade religiosa pode aprofundar a compreensão da identidade afro-brasileira e das práticas de resistência cultural e espiritual. E a constante busca pela justiça social. Tanto a Teologia Negra quanto a Teologia da Libertação enfatizam a importância da justiça social, fornecendo uma base ética para o engajamento nas lutas contemporâneas.

A diversidade religiosa em Salvador é um aspecto vital da cultura local e oferece ricos insumos para reflexões teológicas que abordam questões de opressão, identidade e libertação. A intersecção entre essas teologias e a diversidade religiosa pode gerar um diálogo frutífero, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

A necessidade dessa discussão na sala de aula, em razão do crescente fundamentalismo no mundo e da violência urbana atual, aguçou a necessidade imediata de abordar esses temas, tão presentes, constantes e ameaçadores.

A busca pelo entendimento da Teologia Negra e a Exunêutica, como referenciais teológicos, pode ser um caminho importante para a discussão sobre racismo, especialmente quando se trata de jovens de escola pública. A Teologia Negra é uma abordagem teológica que surge a partir da vivência e da experiência dos negros e das negras, reconhecendo a centralidade da raça e da luta contra o racismo em sua reflexão religiosa. Já a Exunêutica, termo relacionado ao processo de interpretação e resistência cultural dos negros e das negras, oferece uma perspectiva que propõe descolonizar a leitura da Bíblia e outras fontes de saber, a

partir de uma leitura crítica que revele a opressão histórica vivida pelas comunidades negras.

A Teologia Negra pode ser uma chave para refletir sobre o racismo, pois ela busca contestar uma teologia tradicional que muitas vezes tem sido utilizada para justificar a opressão dos povos negros, sejam na escravidão ou em outras formas de discriminação. Ela reivindica a dignidade e a humanidade dos negros e das negras, oferecendo uma narrativa alternativa que destaca os valores da liberdade, da justiça e da resistência presentes na Bíblia, mas muitas vezes ignorados ou mal interpretados.

A Exunêutica, ao fazer uma leitura crítica das escrituras e da história, traz uma metodologia que não apenas revisita o passado, mas também propõe um olhar atento sobre as situações atuais de opressão e resistência. Esse tipo de abordagem pode ajudar a construir uma base teórica sólida para que se discuta o racismo de maneira mais eficaz com jovens de escolas públicas, principalmente porque ela resgata aspectos da cultura e da espiritualidade negros, muitas vezes silenciados no currículo tradicional.

No contexto da escola pública, trabalhar com a Teologia Negra e a Exunêutica pode ser uma forma de contribuir para o desenvolvimento de um pensamento crítico nos alunos e nas alunas, permitindo-lhes reconhecer as dimensões do racismo estrutural na sociedade e como ele também se reflete nas instituições, incluindo a escola. Essa abordagem também pode ajudar a fortalecer a autoestima de estudantes negros e negras, ao apresentar histórias, teologias e práticas que falam diretamente da sua realidade.

O estudo da Teologia Negra e da Exunêutica oferece uma abordagem rica para a discussão do racismo nas escolas públicas, ao fornecer ferramentas teológicas e culturais que ajudam os e as jovens a se entenderem e se posicionarem frente aos desafios raciais. Essas perspectivas são fundamentais para fomentar um ambiente educacional mais inclusivo, crítico e transformador, que empodere os e as estudantes negros e negras, ao mesmo tempo em que promova a conscientização de todos e todas sobre as formas de discriminação racial presentes na sociedade.

4 O PROJETO MISSA DOS QUILOMBOS: UM OLHAR SOBRE O ONTEM E O HOJE DO RACISMO E OUTRAS DISCRIMINAÇÕES, NOS 200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DA BAHIA, NO BRASIL

O presente projeto nasceu da busca da professora Geciene, em elucidar temas caros aos baianos, e que necessitados de debates e atividades lúdicas interdisciplinares e transdisciplinares, precisam discutir sua história e tomar consciência real do mundo em que está inserido, a partir da sua própria história.

Aproveitando os 200 anos de Independência da Bahia, no Brasil, as atividades foram inseridas na programação didática ao longo do ano letivo das turmas de 1º, 2º, 3º anos e fluxos, dos turnos matutino e vespertino do Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes (CEDMN).

4.1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS AO LONGO DO ANO LETIVO DE 2023

A seguir a descrição das atividades e suas respectivas apresentações. Atividades propostas ao longo do ano letivo de 2023.

Temas norteadores: Povos originários, “Descobrimento do Brasil”, “Independência do Brasil, na Bahia”, Escravidão, Mulher na Sociedade, Direitos Humanos.

Mês de Fevereiro de 2023

As aulas começaram no início do mês de fevereiro e as atividades sobre a Mulher na Sociedade foi sugerida para todas as turmas de 1º ano de Música, 2º ano C, D, E, 3º ano A, B, C, D, E, Fluxo A, B, Ensino Médio Matutino, e 1º A, 2º A, 3º A e Fluxo A, Ensino Médio Vespertino, com planejamento prévio na semana de 07 a 10/02/2023 e entre 13 e 16/02/2023.

Durante as duas primeiras semanas, o questionário a seguir, foi utilizado para iniciar a pesquisa e debate posterior.

Pesquisa preliminar para debate

Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes

Data: Março de 2023

Aluno (a):

Professora: Geciene Nunes

Pesquise: Por que se comemora o dia 08 de março como o Dia Internacional da Mulher?

Diferencie Machismo x Feminismo.

O que é feminicídio?

Quem é Maria da Penha? Relate o que aconteceu em sua vida que possibilitou a criação da Lei Maria da Penha. Lei nº 11.340 - planalto.gov.br
<http://www.planalto.gov.br> Altera a Lei Maria da Penha L13827 L14149 L13641.

Pesquise e descreva a Lei Maria da Penha, reconhecendo as diferentes formas de agressão: dano, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, social, político ou econômico ou perda patrimonial.

O que você entende sobre empoderamento feminino, descreva citando nome de mulheres conhecidas, aquelas que você identifica como empoderadas.

Sobre violência doméstica, você reconhece casos próximos que sejam identificados assim? Não precisa citar nomes.

Pesquise sobre mulheres empoderadas: Joana Angélica, Maria Felipa, Maria Quitéria, Irmã Dulce, dentre outras.

Houve recesso de Carnaval, com retorno em março.

Mês de Março de 2023

O 2º ano estudou sobre a História do Brasil, com texto do livro, Sobre 500 anos de História mal contada.

Em março de 2023, foram retomadas as discussões sobre o dia 08, dia Internacional da Mulher, introduzindo em todas as salas de aula, uma pesquisa sobre a intolerância de gênero, violência, Lei Maria da Penha, empoderamento feminino e com pesquisa e debate, discutimos acerca das realidades vividas, conscientizando jovens homens e mulheres quanto ao seu papel social numa relação saudável de convivência. Pesquisamos sobre mulheres do Brasil e do mundo que representam força, determinação e coragem: Maria Felipa, Maria Quitéria, Joana Angélica (que representam a força feminina na luta pela

independência da Bahia, no Brasil), Irmã Dulce (hoje Santa Dulce dos Pobres), Chiquinha Gonzaga, Mãe Menininha do Gantois (a maior mãe de santo do Brasil), cantoras, nacionais e internacionais, escritoras, cientistas, professoras, funcionárias, as próprias alunas, suas mães e conhecidas e amigas e quem mais quisessem representar, pesquisar e posteriormente transformar em painéis e cartazes para exposição no dia das apresentações. As pesquisas foram individuais.

Na segunda unidade, o 2º ano do Ensino Médio estudou sobre o Descobrimento do Brasil e a história mal contada. Analisou esse “descobrimento” e o processo de colonização europeia e a violência sofrida pelos índios e posteriormente a escravidão negra, entendendo o poder dos europeus, portugueses no processo colonizador e o enriquecimento dos brancos e a presença dos jesuítas catequisando os povos ditos “inferiores”, indígenas e negros.

As turmas foram aos poucos escolhendo e discutindo as possibilidades de apresentações das músicas Missa dos Quilombos.

Foram disponibilizados os sites para que assistissem aos vídeos no YouTube, sobre o álbum Missa dos Quilombos, durante o mês de abril. Foram utilizadas aulas de Geografia para esse momento, durante o respectivo mês, no auditório do colégio em telão.

Estudantes do CEDMN foram convidados, e assistiram ao vídeo sobre a História da Bahia e a ação dos povos do interior à capital, que se dispuseram a lutar para banir de vez os portugueses das terras brasileiras, mesmo tendo, “oficialmente”, sido decretada a Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822 e já ser julho de 1823. A apresentação do documentário foi realizada no Museu Geológico da Bahia, no Corredor da Vitória, dentre vários outros colégios da rede Estadual de ensino. Reportagens divulgando a matéria saíram nos telejornais locais.⁴⁵

O CEDMN tem fanfarra FACOMN e desfilou no centro da cidade, no dia 2 de Julho de 2023, e desfila todos os anos, neste dia e no dia 7 de setembro, além de

⁴⁵ MANOEL CALAZANS. **Documentário Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JyNqyhu9xtU>. Acesso em: 04 out. 2024. BAND JORNALISMO. **Série especial conta a história dos 200 anos da independência da Bahia.** Jornal da Band. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=13kW_eWG7Mg. Acesso em: 04 out. 2024.

participar de outros eventos comemorativos de manifestação popular, na cidade de Salvador e no interior do Estado.⁴⁶

A cada aula sobre os assuntos pertinentes ao Projeto, inicialmente chamado de Bicentenário da Independência da Bahia, listas de presença foram assinadas pelos alunos.

O 1º ano, a turma de fluxo (2º e 3º anos, concomitantes) e o 2º do Ensino médio, com a reformulação do chamado novo ensino médio, neste ano de 2023, fez apenas contar com uma hora aula por semana, reduzindo os encontros docente/discente, contudo dinamizando o projeto, em meio aos assuntos pertinentes ao planejamento das respectivas séries.

As turmas de 3º ano não sofreram redução de carga horária e participaram do projeto, que fez parte do planejamento estruturante, concomitante à preparação para o ENEM, para a maioria dos estudantes inscritos para o certame.

Durante as duas primeiras semanas do mês de março, em todas as salas de aula, houve os debates sobre a Mulher na Sociedade, com a discussão acerca do empoderamento feminino, Não é Não, a violência de Gênero, a Lei Maria da Penha e os relacionamentos tóxicos.

Tema Mulher na Sociedade – visa discutir sobre 8 de março, Machismo x Feminismo, Presença x “Ausência” da mulher na História, Papel da mulher nas famílias, Mães solteiras, Patriarcado imperante na história, Lei Maria da Penha, Violência, Femicídio, Empoderamento Feminino.

Discussão sobre Caso Daniel Alves, ISTO É 1/2/2023, dentre outros casos antigos e recentes.

8 de março – Dia Internacional da Mulher

Atividade e análise de músicas sugeridas para interpretação, no início do ano letivo sobre a mulher na sociedade:

Mulheres

Canção de Martinho da Vila e Zeca Pagodinho.

⁴⁶ REDE TVT. **Bahia comemora 200 anos da Independência do estado**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DFBQwsfVG7Q>. Acesso em: 04 out. 2024.

A cantora pernambucana Doralyce, que atualmente vive no Rio de Janeiro, estava em uma roda de samba na praia do Leme quando sugeriu cantar Mulheres, de Martinho da Vila. "A letra é super machista", disparou uma das meninas presentes. O comentário fomentou a gravação de uma nova versão da música, desta vez com um conteúdo empoderador, ao lado de Silvia Duffrayer, vocalista do grupo Samba Que Elas Querem. "Comecei a escrever a letra e a Silvinha insistiu que gravássemos para lançar no Dia Internacional das Mulheres", explica. O resultado foi publicado no canal do Coletivo 22 no YouTube.

"Mulheres cabeça e desequilibradas / Mulheres confusas, de guerra e de paz" e "Procurei em todas as mulheres a felicidade / Mas eu não encontrei e fiquei na saudade" são alguns trechos da composição de Martinho. Doralyce conta que concorda com a amiga que apontou o machismo no clássico. "Acredito que ele nos desenha em um padrão que não somos. Estamos cansadas disso", desabafa a cantora. Nas vozes de Doralyce e Silvia, a canção passou a entoar a emancipação feminina: "Sou mulher, sou dona do meu corpo e da minha vontade / Fui eu que descobri prazer e liberdade".⁴⁷

A medida que a 1ª unidade acontecia, a presença da Professora Elisabete Pinto e os alunos e as alunas da UFBA se faziam presentes, nas aulas e em turno oposto, com representantes das turmas, na busca por fazer um grupo piloto para a realização de trabalho de ensaios e estabelecimento de organização inicial das pesquisas para realização posterior de ensaios para a apresentação final, com data a ser confirmada.

O Projeto Missa dos Quilombos, um olhar sobre o ontem e o hoje de racismo e outras discriminações, nos 200 anos de Independência da Bahia, no Brasil, foi organizado, atribuindo-se uma música para cada sala de aula, bem como partes integrantes da obra e trabalhada pela professora de Geografia e os discentes do CEDMN, dentro de um contexto interpretado e atualizado, na realidade vigente, frente ao racismo, a intolerância religiosa, misoginia, desigualdade social de qualquer natureza, já que trata de uma missa.

⁴⁷ DIARIO DE PERNAMBUCO. **Notícia Viver.** Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2018/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

Projeto Missa dos Quilombos - Milton Nascimento, Pedro Casaldáliga, Pedro Tierra.

Há 40 anos, Milton Nascimento lançava um disco emblemático, com potencial de questionar a sociedade e reforçar a presença da identidade negra na formação brasileira. O álbum "Missa dos Quilombos", realizado em parceria com o religioso Dom Pedro Casaldáliga e o poeta Pedro Tierra, nasceu de uma celebração do dia 22 de novembro, quando ocorreu a primeira Missa dos Quilombos em homenagem a Zumbi dos Palmares. A produção, gravada ao vivo na Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, em Caraça, Minas Gerais, foi inovadora ao realizar o registro de uma missa afro-brasileira, utilizando na sonoridade gêneros como o maracatu, baião, folgedos, maculelê, samba, afoxé e ijexá. O repertório, formado por 11 faixas, aborda temas como, a religiosidade e a escravidão, e enaltece a potência cultural negra.

Texto transcrito do encarte do disco:

Apresentação

Em nome de um Deus supostamente branco e colonizador, que nações cristãs tem adorado como se fosse o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, milhões de Negros vem sendo submetidos, durante séculos, à escravidão, ao desespero e à morte. No Brasil, na América, na África mãe, no Mundo.

Deportados, como "peças", da ancestral Aruanda, encheram de mão de obra barata os canaviais e as minas e encheram as senzalas de indivíduos desaculturados, clandestinos, inviáveis. (Enchem ainda de sub-gente - para os brancos senhores e as brancas madames e a lei dos brancos- as cozinhas, os cais, os bordéis, as favelas, as baixadas, os xadrezes).

Mas um dia, uma noite, surgiram os Quilombos, e entre todos eles, o Sinaí Negro de Palmares, e nasceu, de Palmares, o Moisés Negro, Zumbi. E a liberdade impossível e a identidade proibida floresceram, "em nome do Deus de todos os nomes", "que fez toda carne, a preta e a branca, vermelhas no sangue".

Vindos "do fundo da terra", "da carne do açoite", "do exílio da vida", os Negros resolveram forçar "os novos Albores" e reconquistar Palmares e voltar a Aruanda.

E estão aí, de pé, quebrando muitos grilhões - em casa, na rua, no trabalho, na igreja, fulgurantemente negros ao sol da Luta e da Esperança.

Para o escândalo de muitos fariseus e para alívio de muitos arrependidos, a Missa dos Quilombos confessa, diante de Deus e da História, esta máxima culpa cristã.

Na música do negro mineiro Milton e de seus cantores e tocadores, oferece ao único Senhor "o trabalho, as lutas, o martírio do Povo Negro de todos os tempos e de todos os lugares".

E garante ao Povo Negro a Paz conquistada da Libertação. Pelos rios de sangue negro, derramado no mundo. Pelo sangue do Homem "sem figura humana", sacrificado pelos poderes do Império e do Templo, mas ressuscitado da Ignomínia e da Morte pelo Espírito de Deus, seu Pai.

Como toda verdadeira Missa, a Missa dos Quilombos é pascal: celebra a Morte e a Ressurreição do Povo Negro, na Morte e Ressurreição do Cristo.

Pedro Tierra e eu, já emprestamos nossa palavra, iradamente fraterna, à Causa dos Povos Indígenas, com a "Missa da Terra sem males", emprestamos agora a mesma palavra à Causa do Povo Negro, com esta Missa dos Quilombos.

Está na hora de cantar o Quilombo que vem vindo: está na hora de celebrar a Missa dos Quilombos, em rebelde esperança, com todos "os Negros da África, os Afros da América, os Negros do Mundo, na Aliança com todos os Pobres da Terra".

Pedro Casaldáliga.

As músicas originais, inspiradoras da visão crítica discente encontram-se no YouTube.⁴⁸

Meses de abril, maio e junho de 2023

Encontros entre docentes e discentes da UFBA e do CEDMN foram realizadas em 4 momentos para um breve intercâmbio de contribuição para a apresentação de ideias e incentivo para o projeto, além da visita à UFBA para assistir aulas no *campus* da Federação, na área de humanas, na discussão sobre os terreiros e a religiosidade afro-brasileira, nos meses de abril e maio.

Junho: Primeiros grupos se reúnem com as turmas para definição das músicas, por escolhas e sorteios.

Nesse momento do projeto, incluímos a arte como ferramenta de educação e resistência, com as músicas de Missa dos Quilombos, analisando as letras que tratam diretamente da luta contra o racismo e das desigualdades sociais. A música é uma forma poderosa de expressão cultural, ajudando os e as estudantes a se conectarem com as mensagens de resistência e empoderamento.

Além de discutir as letras das músicas, trabalhamos com a história do movimento negro no Brasil, ligando essas músicas com o contexto social e político do Brasil e fizemos discussões sobre como a história é contada e como ela poderia ser, se o negro fosse respeitado na sua essência humana.

⁴⁸ ACERVO DA MÚSICA BRASILEIRA. **Milton N. Missa Dos Quilombos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2medbh5cGaM>. Acesso em: 15 set. 2024.

Assim, discutimos e definimos como as músicas deveriam ser distribuídas, oferecendo aos alunos e às alunas, maneiras de resolver isso sem a interferência de escolha aleatória da professora, ficando então organizadas da forma abaixo:

MISSA DOS QUILOMBOS - Turmas definidas

- I - A DE Ó (ESTAMOS CHEGANDO) - Turma 3ºA Matutino
- II - EM NOME DO DEUS - Turma 2º D - Matutino
- III - RITO PENITENCIAL Turma 3º D Matutino
- IV - ALELUIA Turma 3º A Vespertino
- V - OFERTÓRIO - Turma 3º C Matutino
- VI - O SENHOR É SANTO - 2º E Matutino
- VII - RITO DA PAZ - 3ºE, F e Fluxo A, B Matutino
- VIII - COMUNHÃO - 1º ano de Música
- IX - LADAINHA - 2ºC Matutino
- X - LOUVAÇÃO A MARIAMA Fluxo A e 1ºA Vespertino
- XI - MARCHA FINAL (DE BANZO E DE ESPERANÇA) - Turma 3ºB Matutino
- XII - MARIA, MARIA - todos os alunos e todas as alunas cantaram no final.

Depois dessa etapa, fomos finalmente ouvir as músicas individualmente a partir de peças disponíveis na YouTube, na sala de projeções da escola e disponibilizando o link para que pudessem assistir posteriormente e assim definir suas maneiras de abordagem na composição das apresentações.

Missa dos Quilombos - discussão com as turmas sobre a obra do compositor Milton Nascimento, com aulas coletivas em sala de vídeo para assistir o vídeo de peça encenada na década de 1980, e conhecimento das músicas a serem traduzidas em sentimento coletivo, com expressividade de um povo que clama por dignidade e respeito, quanto a sua pele, seu cabelo, sua história, sua ancestralidade, sua cultura e sua religiosidade.

Os e as estudantes foram orientados e orientadas a usarem a criatividade artística e expressarem de variadas formas o que lhes conviessem, podendo ser:

- ✓ Composições musicais ou letras de rap, funk, hip-hop ou poesia, como forma de expressar suas próprias experiências e reflexões sobre racismo e desigualdade.
- ✓ Arte visual (desenhos, murais ou cartazes) que ilustram figuras históricas negras e o empoderamento feminino.
- ✓ Peças teatrais ou dramatizações baseadas em episódios históricos de resistência, em cenas do cotidiano da juventude negra.
- ✓ Documentários ou apresentações sobre a história do movimento negro, incluindo entrevistas com familiares, amigos, amigas ou membros da comunidade escolar, trazendo histórias locais de resistência e empoderamento.

Mês de junho com festas juninas e recesso, com retorno dia 03 de julho de 2023.

Mês de Julho de 2023

A festa cívica do dia 2 de julho, nos 200 anos de Independência da Bahia, contou com a participação da Fanfarra do Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes (FACOMN) no desfile, com a presença de alunos e alunas e assistidas por várias pessoas que foram às ruas prestigiar a data solene. Não pertenceu ao projeto, fazendo sim, parte da programação do Colégio.

A tarefa escolar seguia com pesquisas em jornais, revistas e coleta de reportagens sobre o dia, para utilizar pelos e pelas estudantes de forma informativa e formativa, para elaboração das atividades, elencadas com a música que seria então, da obra “Missa dos Quilombos” de Milton Nascimento, Pedro Tierra e Pedro Casaldáliga, já previamente sorteadas e com a participação dos e das estudantes da UFBA.

O semestre da UFBA foi concluído e com isso, sua participação colaborativa do Projeto, junto aos e às estudantes do CEDMN.

COLÉGIO ESTADUAL DEPUTADO MANOEL NOVAES
DATA: 10 a 14 DE JULHO DE 2023
ATIVIDADE EM GRUPO: PAINEL: MULHERES
PROFESSORA: GECIENE N. NUNES

SÉRIE: ENSINO MÉDIO

TURMA: TURNO:

PARTICIPANTES:

ATIVIDADE

OS ALUNOS E AS ALUNAS DEVEM PESQUISAR E ADQUIRIR FIGURAS FEMININAS: CRIANÇAS, ADULTAS, IDOSAS, NEGRAS, BRANCAS, ÍNDIAS, ASIÁTICAS, BRASILEIRAS, CONHECIDAS, DESCONHECIDAS, FELIZES, TRISTES, VÍTIMAS, BEM VESTIDAS OU NÃO, OU SEJA, EM QUALQUER CIRCUNSTÂNCIA, E FIGURAS DE PESSOAS CONHECIDAS DA COMUNIDADE, ALUNAS, PARENTES (DESDE QUE SEJAM PERMITIDAS IMAGENS).

ESCOLHER O TAMANHO DO PAINEL E ADQUIRIR O MATERIAL PARA O PAINEL: PAPEL METRO OU CARTOLINA.

RECORTAR AS FIGURAS PARA MONTAGEM DO PAINEL, DISCUTIDAS AS FORMAS DE COLAGEM ENTRE OS ALUNOS E AS ALUNAS DA SALA, PARA QUE SURTA UM EFEITO QUE TRANSMITA UMA MENSAGEM DE EFEITO PARA QUEM ADMIRE O TRABALHO FINALIZADO.

FINALIZAR COM ACABAMENTO BEM ELABORADO.

Ainda no mês de julho, exatamente no dia 25 de Julho - Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha, data que relembra a luta e resistência da mulher negra contra o racismo e o sexismo na sociedade, a atividade sobre as mulheres baianas e brasileiras deveriam ser expressas em cartazes e painéis, constando de nota na segunda unidade.

Trabalhar com o empoderamento feminino negro no contexto do racismo estrutural e da desigualdade social, especialmente na educação. Além de explorar a história da luta de mulheres negras, essa etapa pode se concentrar em debater questões de identidade, autoestima e resistência.

Tópicos explorados:

- ✓ A mulher negra na sociedade brasileira, suas lutas históricas e contemporâneas. Falar sobre as condições de vida das mulheres negras, especialmente nas periferias, foi uma oportunidade para discutir desigualdade de gênero e raça.
- ✓ A relação entre racismo e sexismo: Como as mulheres negras são alvo de duas formas de opressão, a racial e a de gênero.
- ✓ A importância das representações positivas da mulher negra na mídia, na política, na arte e na religião.

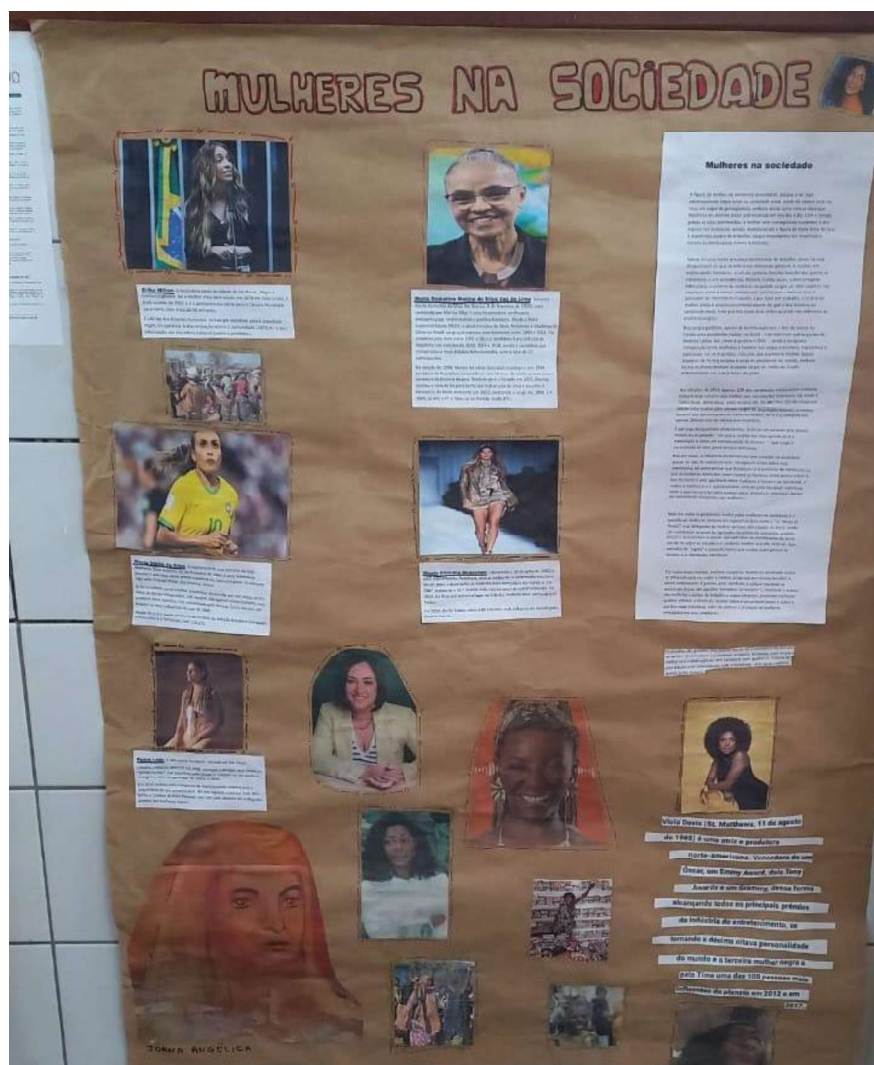
Os painéis e cartazes foram expostos no evento da Semana da Consciência Negra, em novembro de 2023. Seguem exemplos de painéis e cartazes confeccionados pelas turmas:

Figura 1 - Painel representando a força da mulher negra, parda, branca, rica, pobre, menina, jovem, idosa



Fonte: Banco de figuras da autora, 2023.

Figura 2 - Mulheres na Sociedade: Personalidades ilustres na política, no esporte, na música



Fonte: Banco de figuras da autora, 2023.

Figura 5 - Representatividade Feminina - Somos todas personalidades importantes na sociedade



Fonte: Banco de figuras da autora, 2023.

Mês de Agosto de 2023

Durante o mês de agosto, foram realizadas aulas dos conteúdos programáticos, mas os e as estudantes já haviam decidido as músicas para representar e os grupos organizadores e estavam empenhados em produzir, através de pesquisas e atividades internas, sem que houvesse, inicialmente a intervenção da pessoa docente, na busca da criatividade genuína, solidária e libertária.

Ao propor pesquisa sobre personalidades negras, o objetivo foi de fazer os e as estudantes conhecerem as trajetórias e as lutas de figuras importantes no movimento negro, tanto no Brasil quanto internacionalmente. Isso pode ser feito por meio de pesquisas em grupos sobre personalidades, com apresentações e discussões em sala de aula.

Ao explorar essas figuras, os e as estudantes puderam ser estimulados e estimuladas a refletir sobre o impacto que essas pessoas tiveram em suas respectivas áreas, além de pensar no papel da mulher negra na história da luta contra o racismo, a misoginia e a opressão.

A Teologia Negra e a Exunêutica, foram introduzidas como formas de resistência espiritual e intelectual ao racismo, promovendo uma leitura crítica das escrituras sagradas e dos sistemas religiosos coloniais que historicamente reforçaram a opressão, a partir de uma perspectiva que desafie as interpretações

tradicionais da Bíblia, mostrando como as comunidades negras ressignificam a espiritualidade como uma forma de empoderamento e resistência, explorando o conceito de teologia da libertação, ainda que de forma pouco aprofundada, e como ele se conecta com a busca de justiça social, abordando a relação entre fé e luta contra a desigualdade e introduzindo o conceito de Exunêutica, ou a leitura e interpretação crítica dos textos bíblicos à luz da experiência e da luta de povos marginalizados, especialmente das mulheres negras.

Meses de Setembro e Outubro de 2023

As aulas entre setembro e outubro foram viabilizadas para criação, por meio de ensaios de forma lúdica, livre e escolhidas pelas turmas, com listas de presença e divisão de tarefas.

20 de Novembro – Dia da Consciência Negra

Cartaz de Divulgação:

COLÉGIO ESTADUAL DEPUTADO MANOEL NOVAES

AUDITÓRIO – 20/11/2023 – às 8 horas - Desfile da Beleza Negra CEDMN

AUDITÓRIO - 21/11/2023 - às 08 horas

1ª – 3ªA - MATUTINO: VÍDEO/MÚSICA - A DE Ó - ESTAMOS CHEGANDO
(Milton Nascimento) 1982

2ª - 2ºD - MATUTINO: VÍDEO/MÚSICA - EM NOME DE DEUS (Milton Nascimento) 1982

3ª - 3ºD - MATUTINO: VÍDEO/MÚSICA - RITO PENITENCIAL (Milton Nascimento) 1982

4ª - 3ºC - MATUTINO: VÍDEO/MÚSICA - OFERTÓRIO (Milton Nascimento) 1982

5ª - 2ºE - MATUTINO: MÚSICA - O SENHOR É SANTO (Milton Nascimento) 1982

6ª - 3ºE, F e FLUXO A - MATUTINO: VÍDEOS/MÚSICA - RITO DE PAZ (Milton Nascimento) 1982

7ª - 1º ANO DE MÚSICA e 2º C: MÚSICA - COMUNHÃO (Milton Nascimento) 1982

8ª - 2ºD - MATUTINO: MÚSICA - LADAINHA (Milton Nascimento) 1982

9ª - 3ºB - MATUTINO: VÍDEO/MÚSICA - MARCHA FINAL (Milton Nascimento)

10ª - TODOS DO MATUTINO: MÚSICA - MARIA, MARIA (Milton Nascimento) 1978

Figura 6 - Milton Silva Campos do Nascimento



Fonte: CLUBE do Jazz. Disponível em: <https://clubedejazzdocafe.com/show/?id=753>. Acesso em: 10 set. 2024.

200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DA BAHIA - Joana Angélica, Maria Quitéria e Maria Felipa.

20 DE NOVEMBRO - CONSCIÊNCIA NEGRA

COLÉGIO ESTADUAL DEPUTADO MANOEL NOVAES

AUDITÓRIO - 21/11/2023 - às 14 horas

11ª - 3ª - VESPERTINO: MÚSICA - ALELUIA

12ª - 1º ANO A E FLUXO A - VESPERTINO: MÚSICA - LOUVAÇÃO A
MARIAMA (Milton Nascimento) 1986

13ª - 2º ANO A - VESPERTINO: MÚSICA - MARIA, MARIA (Milton
Nascimento) 1978.

AVALIAÇÕES:

Os e as estudantes apresentaram prazer em aprender de forma lúdica e fomos capazes de fazer aflorar a curiosidade, ao tempo em que lhes asseguramos grande número de experiências que planejadas foram bem sucedidas, principalmente porque o projeto aconteceu na última unidade do ano letivo e muitos alunos já estavam aprovados.

A avaliação das potencialidades e possibilidades na identidade social que cada um traz, foram partilhadas com escuta-fala, muitas vezes pouco usadas no monólogo docente. Estivemos abertos ao diálogo, com orientação do que está visível e ao invisível na sociedade.

Músicas, poesias, peças teatrais, além de exaustivo material elaborado pelo corpo discente, para discussão e construção de novos olhares, com senso crítico e

elaboração de novos materiais publicados, que se debruçaram na busca de novas perspectivas e entendimento, mesmo que sucinto, para que leis sejam aprimoradas para essa sociedade que tem que ter seu lugar de fala e pertencimento conhecido e preenchido.

Enquanto o opressor tem lugar de destaque no Brasil, o oprimido precisa conhecer seu lugar e tomar posse, para lutar por Cidadania.

Falar de nota é necessário e como avaliação foi atribuída, para a Geografia, a partir de critérios preestabelecidos, entre as unidades, enquanto em paralelo se trabalhava a Geografia Física concomitantemente.

As atividades realizadas na primeira unidade foram apresentadas aos alunos, em razão do dia 8 de março, considerando o Dia Internacional da Mulher, com discussões acerca da violência, feminicídio, misoginia, Lei Maria da Penha, empoderamento feminino, feminismo e machismo.

Pesquisa individual e debate em sala - 2,0 pontos na 1ª unidade, para todas as turmas.

Painel - 2,0 pontos na 2ª unidade. Para todas as turmas.

Estudos sobre o “descobrimento do Brasil” e sua história mal contada, com discussões sobre o Brasil que temos e o Brasil que queremos. 2º ano - 3,0 pontos

Interpretação e ensaio de músicas, releitura, montagem de apresentações com produções artísticas, danças, criação de roteiro, figurino. Cada sala de aula assumiu uma música para trazer para o presente momento a interpretação atualizada.

A limpeza das salas do colégio e demais espaços ocupados pelo trabalho, incluído como sendo de responsabilidade dos e das estudantes, como forma de valorizar o trabalho das funcionárias, dando-lhes visibilidade e respeito.

Foram realizados encontros entre os alunos, às alunas, professoras e professores do CEDMN e alunos, alunas e professora da UFBA, no decorrer dos meses de abril e maio de 2023.

Em 06 de julho de 2023 os alunos e as alunas do CEDMN, escolhidos e escolhidas como monitores e monitoras se reuniram com os e as estudantes do 1º

semestre da UFBA, para finalização da parceria, quando então as músicas já estavam escolhidas pelas turmas e ações relacionadas às apresentações já começavam a ser delineadas para a apresentação, definindo então os dias 20 e 21 de novembro, como datas de apresentação final.

No dia 25 de julho de 2023, terça-feira, foi proposta a finalização dos cartazes e painéis confeccionados sobre as mulheres, o que aconteceu.

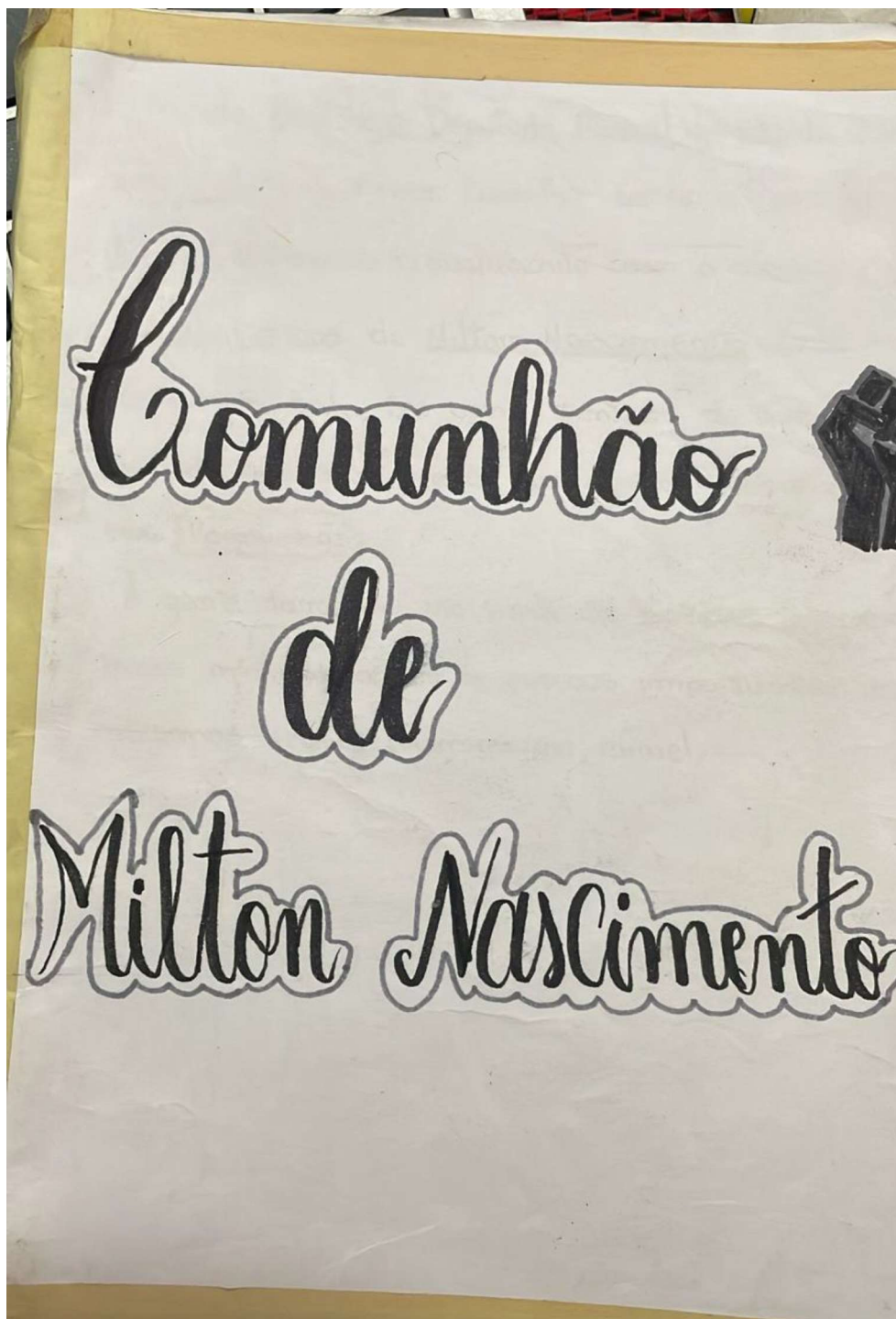
Algumas turmas, ao discutirem as formas de realizar suas apresentações, utilizaram outras músicas, do seu tempo e conhecidas, ou pesquisadas e identificadas pelos alunos, para fazer suas interpretações, trazendo os conflitos de racismo para o presente.

Nos dias 20 e 21 de novembro de 2023, foram apresentadas as interpretações dos e das discentes, das músicas de Missa dos Quilombos.⁴⁹

A avaliação do projeto foi feita de forma contínua, considerando a participação ativa dos e das estudantes, nas discussões e na criação artística. Ao final do projeto, foi fundamental a reflexão coletiva, onde eles e elas puderam compartilhar o que entenderam sobre como as questões de raça, gênero e desigualdade social impactam na sua realidade e como a arte, a Teologia Negra, a Exunêutica, podem ajudá-los e ajudá-las a se posicionar contra o racismo e com foco na transformação social.

⁴⁹ NUNES, Geciene Nascimento. **Coletânea de Vídeos da Missa dos Quilombos**. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1-0BP5abMU0wk6gJvGzyia-rfSALEqJdw>. Acesso: 04 dez. 2024.

Figura 7 - Capa do livro criado pela turma do 2ºC Matutino, com interpretações sobre Comunhão



Fonte: Banco de figuras da autora, 2023.

Figura 8 - Desfile Beleza Negra - 20 de novembro de 2023



Fonte: Banco de figuras da autora, 2023.

Figura 9 - Turma 3ºA - apresentação do Dia 21 de novembro de 2023



Fonte: Banco de figuras da autora, 2023.

Figura 10 - 3ºA Matutino - apresentação do Dia 21 de novembro de 2023



Fonte: Banco de figuras da autora, 2023.

Figura 11 - 3ºB Matutino - apresentação do Dia 21 de novembro de 2023



Fonte: Banco de figuras da autora, 2023.

5 CONCLUSÃO

O racismo estrutural continua a ser um desafio significativo em muitas sociedades, incluindo em Salvador, na Bahia. Enfrentar esse problema exige um entendimento profundo das suas causas e manifestações, bem como um compromisso coletivo para promover mudanças nas instituições e práticas sociais.

Perceber-se enquanto um oprimido que não pode estar alheio ao sofrimento e que deve dar conta de acordar para a realidade e incomodar-se e nunca acomodar-se. Compreender que as religiões são estruturantes e que podem sofrer interpretações libertadoras e de resistência e que nunca pode se curvar diante de outra, ou ainda se sobrepor como uníssona e soberana. Sempre compreender que Deus é amor, em qualquer idioma e em qualquer cor, ou mesmo em expressão de fé.

Para melhorar as perspectivas de futuro dos jovens de Salvador, em especial os discentes do CEDMN foi crucial abordar tanto as questões estruturais quanto as pessoais, na busca por amenizar e até resolver problemas antigos e conhecidos, que prejudicam o acolhimento e até resgate de grande parte dessa população, muitas vezes em vulnerabilidade social.

Esse projeto foi elaborado na perspectiva de dar consciência crítica aos estudantes das turmas da professora Geciene, e que em aprofundamento da História do Brasil e da Bahia, além do cotidiano de violência na atualidade, fez com que eles usassem a imaginação e seus corpos e vozes para representar o que se vive e tornar outras possibilidades acontecerem, na direção a outras rotas de suas vidas.

O resgate da autoestima é de fundamental importância em todo o tempo de nossas vidas e a provocação de pensar nossas realidades e o comprometimento de cada estudante demonstrou o quanto prazeroso e significativo é falar de si, de suas angústias e reconhecer para enfrentar, a sua realidade.

A realidade de discriminação racial enfrentada pelos jovens nas escolas públicas de Salvador, especialmente aqueles que vivem em periferias violentas, é um reflexo de um sistema social desigual. A violência urbana e a marginalização

socioeconômica agravam a situação, tornando essencial a análise crítica e a necessidade de buscar políticas públicas eficazes para enfrentar esses desafios.

A educação deve sempre auxiliar o discernimento do discente, quanto a contextualização de temas a serem enfrentados na sociedade, seja quanto ao feminismo, as questões ecológica, indígena, negra, política, e qualquer forma de discriminação, para a compreensão do espaço geográfico, combatendo e contribuindo diariamente nas tomadas de decisões pelo cidadão civil e os políticos que nos representam.

Abrir espaços para discutir sobre a religiosidade afro-brasileira, a cultura baiana, a realidade segregada do povo negro, as lutas diárias e a diáspora africana no que se refere ao deslocamento forçado e à dispersão de africanos e seus descendentes pelo mundo, especialmente na Bahia, principalmente como resultado do tráfico transatlântico de escravizados entre os séculos XVI e XIX, que teve profundas consequências sociais, culturais e econômicas tanto para as comunidades africanas quanto para as sociedades que os receberam.

Devemos discutir a Hermenêutica, como Teologia branca e dominante, a Exunêutica e a Teologia Negra, suas individualidades, as religiões e suas discriminações e o amor de Deus acima de todas as coisas, entendendo que somos iguais.

Buscar caminhos para fortalecer e criar programas de inclusão e equidade, como ações afirmativas e programas de desenvolvimento para grupos racialmente subordinados, pode ajudar a reduzir disparidades e promover uma maior igualdade de oportunidades e o projeto que foi estruturante, encorajador e libertador tem que se reinventar e continuar, sempre dentro da atualidade, para preparar o jovem que poderá implementar as verdadeiras mudanças na sociedade.

A arte na educação tem um enorme potencial transformador, especialmente quando aliada a temas tão importantes como o racismo, as desigualdades sociais, a Teologia Negra e a Exunêutica, além da perspectiva do empoderamento feminino. Utilizar a arte, como música, literatura, pesquisa sobre personalidades históricas e teológicas, no contexto de um projeto educacional sobre esses temas, é uma maneira eficaz de engajar os discentes de forma criativa e reflexiva, além de

sensibilizar para questões complexas que muitas vezes não são tratadas de forma aprofundada no currículo escolar tradicional.

Só poderemos realizar mudanças a partir de nós e o que está ao nosso redor, movimentando opinião contra as mais variadas formas de preconceito e discriminação. O local, muda e se propaga para o global.

Fazer um mundo melhor depende das ações cotidianas, críticas e democráticas, com a participação de cidadãos conscientes. Para sermos cidadãos temos que causar mudanças em grande escala. Importar-se, organizar e causar a grande mudança, com ações planejadas para a nossa vida e a do próximo.

Temos que abrir mão da ideia da privatização de pensamento, descontaminando o mundo, levando conhecimento e participação coletiva no aprendizado, de forma planejada, para que, com trocas de experiências, o discente e também o docente aprendam e socializem o que aprendem e apreendem das vivências compartilhadas.

O produto desse projeto surtiu efeito permanente na vida daqueles que participaram ativamente na construção das apresentações e espero que sirva de inspiração para a produção de novos projetos.

REFERÊNCIAS

ACERVO DA MÚSICA BRASILEIRA. **Milton N. Missa Dos Quilombos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2medbh5cGaM>. Acesso em: 15 set. 2024.

ALVES, Rubem. **Por uma Educação romântica**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2009.

ASCOM/SEI. **Desigualdade Racial reflete no mercado de trabalho baiano**. Disponível em:

https://sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3591:desigualdade-racial-reflete-no-mercado-de-trabalho-baiano&catid=10&Itemid=1073&lang=pt.

Acesso em: 20 dez. 2024.

BAHIA. Memórias de Lutas e Liberdade - 200 anos de Independência. **Cartilha Bahia**, Fundação Pedro Calmon, Governo do Estado da Bahia, 2023.

BAHIA. **Plano Estadual de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Governo do Estado DA Bahia, 2016-2019.

BAND JORNALISMO. Série especial conta a história dos 200 anos da independência da Bahia. **Jornal da Band**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=13kW_eWG7Mg. Acesso em: 04 out. 2024.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Ed. Zahar: Rio de Janeiro, 2021.

BOFF, Leonardo. **O cuidado essencial: princípio de um novo ethos**. Inclusão Social. v. 1, n.1, 2005.

BORGES, Márcio. **Clube da Esquina, 40 anos**. Belo Horizonte: Associação dos Amigos do Museu Clube da Esquina, 2012.

CARTILHA DA MULHER. **Lei Maria da Penha. Defensoria por elas**. DPE, NUGEN, dezembro de 2020.

CONE, James H. **Teologia Negra**. S. Paulo: Editora Recriar, 2020.

CRUZ, Manuel de Almeida. **Alternativas para combater o racismo Segundo a Pedagogia Interétnica**. Salvador, Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, 1989.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes e professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DIARIO DE PERNAMBUCO. **Notícia Viver**. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2018/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FLUCK, Marlon R. **História e Teologia do Cristianismo Brasileiro**. Curitiba/PR: Cia dos Escritores, 2013.

FORTE, Bruno. **Exercícios espirituais ao alcance de todos**, São Paulo: Paulinas, 2014.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, IBGE, 2018.

KRIEGER, Murilo S. R. **Santa Dulce dos Pobres, um dom da Igreja, um dom para o Brasil**. Brasília DF; Edições CNBB, 2020.

MANOEL CALAZANS. **Documentário Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JyNqyhu9xtU>. Acesso em: 04 out. 2024.

MISSA DOS QUILOMBOS, Milton Nascimento, Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra.- Polygram, 1982.

MÜLLER, Gerhard Ludwig, GUTIÉRREZ, G. **Ao lado dos pobres - Teologia da Libertação**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2014.

NUNES, Geciene Nascimento. **Coletânea de Vídeos da Missa dos Quilombos**. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1-0BP5abMU0wk6gJvGzyia-rfSALEgJdw>. Acesso: 04 dez. 2024.

OI KABUM. Festas Populares de Salvador. **Guia do Educador**, Bahia, 2010.

OSID. **Dulcíssimo**: o jeito Dulce de pensar, ser e agir. Cartilha Impressa, OSID, março 2024.

PENHA, Eli Alves. **Relações Brasil África e Geopolítica do Atlântico Sul**. EDUFBA, Salvador, 2011.

REDE TVT. Bahia comemora 200 anos da Independência do estado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DFBQwsfVG7Q>. Acesso em: 04 out. 2024.

SANTOS; Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. EDUSP, São Paulo, 2008.

SENA, Luzia (Org.). **Cinco minutos com Deus e Irmã Dulce**. São Paulo: PAULINAS, 2011.

SILVEIRA, Hendrix A. A. **Exunêutica**: construindo paradigmas para uma interpretação afro-religiosa. Mairiporã/SP: Arole Cultural, 2024.

SILVEIRA, Hendrix A. A. **Exunêutica**: construindo paradigmas para uma interpretação Afro-Religiosa. **Disciplina Hermenêutica Docente**. Dr. Flávio Schmitt, Semestre: 2012/2, Mestrado Acadêmico, Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, 2012.

VADALA; Walter. **Zumbi dos Palmares**: por uma educação antirracista. Monstro dos Mares, Ponta Grossa-PR, Setembro de 2020.